



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

**A CONSTRUÇÃO DO “DIA DA CULTURA AFROPARAGUAIA”:
MEMÓRIA(S) E IDENTIDADE(S) NO PARAGUAI**

KELLY APARECIDA COSTA

Foz do Iguaçu
2021

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

**A CONSTRUÇÃO DO “DIA DA CULTURA AFROPARAGUAIA”:
MEMÓRIA(S) E IDENTIDADE(S) NO PARAGUAI**

KELLY APARECIDA COSTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato da Silva

Foz do Iguaçu
2021

KELLY APARECIDA COSTA

**A CONSTRUÇÃO DO “DIA DA CULTURA AFROPARAGUAIA”:
MEMÓRIA(S) E IDENTIDADE(S) NO PARAGUAI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato da Silva
UNILA

Prof^ª. Dra. Angela Maria de Souza
UNILA

Prof^ª. Dra. Maria Aparecida de Oliveira Lopes
(UFSB)

Foz do Iguaçu, 26 de novembro de 2021.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

C838c

Costa, Kelly Aparecida.

A construção do "dia da cultura afroparaguiaia": memória(s) e identidade(s) no Paraguai / Kelly Aparecida Costa. - Foz do Iguaçu, 2021.

85 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Paulo Renato da Silva.

1. Cultura - afroparaguaios. 2. Identidade cultural. 3. Memória. I. Silva, Paulo Renato da Orient. II. Título.

CDU: 316.7(=1:893=013)

Dedico este trabalho aos meus filhos Lincoln e Aisha, meu esposo Wagner, minha mãe Vera e em especial ao meu pai Isaac (in memoriam) que sempre me incentivou a estudar.

AGRADECIMENTOS

O meu muito obrigado a toda minha família, amigos e aqueles que de forma direta e indireta contribuíram neste período de preparação da dissertação.

Aos meus filhos Aisha e Lincoln pelo carinho e dedicação nos momentos de estudo e compreensão nos momentos de ausência.

Ao meu esposo Wagner pelo incentivo, carinho, apoio e paciência durante a realização do trabalho.

A todas as pessoas das comunidades afroparaguaias que de alguma forma cooperaram para a realização deste trabalho.

Obrigado a todos os docentes e estudantes do IELA com os quais aprendi outros olhares tão necessários ao desenvolvimento do trabalho. Muito obrigado ainda ao Newton, cujo trabalho na Secretaria do IELA é sempre pautado pela atenção primorosa e paciência inesgotável com as nossas demandas.

Em especial não posso deixar de agradecer o meu orientador, professor Dr. Paulo Renato da Silva por sua competência, compreensão e paciência sendo o grande responsável por eu chegar até aqui, seu lado humano e incentivador é de pura excelência.

Obrigada às professoras Dr. Angela Maria de Souza e Dr. Maria Aparecida de Oliveira Lopes por terem aceitado o convite para a banca de qualificação e novamente para a defesa do trabalho.

"Nas coletividades que encontramos reservat6rios de esperan7a e otimismo".
Angela Davis

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de construção do “Dia da Cultura Afroparaguaia” e sua importância na constituição de memória(s) e identidade(s) dos afroparaguaios. Esta abordagem contribui para entender a representatividade do “Dia da Cultura Afroparaguaia” nas comunidades afroparaguaias, os instrumentos oficiais e não-oficiais utilizados como estratégia de visibilização e reconhecimento no país e as narrativas na constituição de identidade(s) e memória(s). A partir de referenciais da História Cultural e dos Estudos Culturais, consideramos que a declaração do “Dia da Cultura Afroparaguaia” – apesar das divergências em torno da data e dos atuais mecanismos de reconhecimento dos afrodescendentes no Paraguai – é fruto de um processo longo, marcado pela atuação das comunidades envolvidas, em especial a de Kamba Cua, de onde partiu a iniciativa da efeméride comemorada desde 2015 a cada 23 de setembro. Compreendemos a construção da data como um processo complexo, marcado por negociações que envolvem as tradições das comunidades afrodescendentes, o marco do Estado nacional e tratados internacionais pela afirmação de minorias, como o Decênio Internacional dos Afrodescendentes (2015-2024) determinado pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Palavras-chave: Afroparaguaios. Cultura. Identidade. Memória.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar el proceso de construcción del “Día de la Cultura Afro-Paraguaya” y su importancia en la constitución de la(s) memoria(s) e identidad(es) de los Afroparaguayos. Este enfoque ayuda a comprender la representatividad del “Día de la Cultura Afroparaguaya” en las comunidades afroparaguayas, los instrumentos oficiales y extraoficiales utilizados como estrategia de visibilidad y reconocimiento en el país, y las narrativas en la constitución de identidades y memoria(s). Con base en referencias de Historia Cultural y Estudios Culturales, creemos que la declaratoria del “Día de la Cultura Afroparaguaya” - a pesar de las divergencias en cuanto a la fecha y los mecanismos actuales para el reconocimiento de los afrodescendientes en Paraguay - es el resultado de un largo proceso, marcado por el desempeño de las comunidades involucradas, especialmente la de Kamba Cua, de donde partió la iniciativa del aniversario que se celebra desde 2015 cada 23 de septiembre. Entendemos la construcción de la fecha como un proceso complejo, marcado por negociaciones que involucran las tradiciones de las comunidades afrodescendientes, el marco del Estado nacional y los tratados internacionales para la afirmación de las minorías, como el Decenio Internacional de los Afrodescendientes (2015 -2024) determinado por la Organización de Naciones Unidas (ONU).

Palabras clave: Afroparaguayos. Cultura. Identidad. Memoria.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Mural “Misma Tierra, Distinta Bandera”.....	23
Ilustração 2 – Caricatura: Três macacos: o Imperador, Tamandaré e Polidoro.....	24
Ilustração 3 – Localização de comunidades afrodescendentes no Paraguai.....	34
Ilustração 4 – Folheto-Livro de Hector Francisco Decoud.....	47
Ilustração 5 – Divulgação do Bicentenário da chegada de Artigas.....	48
Ilustração 6 – Divulgação do Festival San Baltasar de Kamba Cua.....	49
Ilustração 7 – Festa Kamba 2020 Lázaro Vive. Edição XXIX.....	50
Ilustração 8 – Divulgação da “Semana Afroparaguaia”.....	55
Ilustração 9 – Divulgação da “Campaña de la Diversidad Cultural”.....	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAPKC	Associação Afroparaguaia de Kamba Cua
DGEEC	Direção Geral de Estatística, Enquetes e Censos
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
GTKC	Grupo Tradicional Kamba Cua
GSB	Grupo San Baltasar
MEC	Ministério de Educação e Ciências do Paraguai
OMA	Organização Mundo Afro
ONU	Organização das Nações Unidas
RPA	Rede Paraguaia de Afrodescendentes
SNC	Secretaria de Cultura do Paraguai
UNESCO a Cultura	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
METODOLOGIA.....	19
1 CONTEXTUALIZAÇÃO AFRO NO PARAGUAI.....	22
1.1 Constituição de comunidades.....	34
1.2 Identidades afrodescendentes.....	39
1.3 Simbologias, mitos e tradições.....	44
2 ENTRE DOCUMENTOS E NARRATIVAS.....	52
2.1 Efeméride de 23 de setembro.....	53
2.2 O papel das mulheres na luta afroparaguaia.....	59
2.3 Relação Paraguai e Uruguai.....	61
2.4 Em busca de reconhecimento da população afroparaguaia.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	79

INTRODUÇÃO

(...) nada preexiste a las relaciones que lo constituyen. La vida es interrelación e interdependencia, siempre y a todo nivel. (...). No hay objetos, ni sujetos, ni procesos intrínsecamente existentes, como nos lo ha enseñado la modernidad (...). (CUSICANQUI et al., 2016, p. 12)

O interesse no tema da pesquisa teve início em 2017 ao vivenciar experiências com projetos de extensão relacionados à cultura, quando assumi o Departamento de Culturas e Comunicação da Pró-Reitoria de Extensão na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Foram decisivas, em particular, as conversas com a então Pró-Reitora, Angela Maria de Souza, sobre o tema das comunidades afrodescendentes.

Por meio de buscas na internet de comunidades afrodescendentes e suas culturas comecei a compreender e conhecer melhor as condições socioeconômicas e práticas culturais que ocorriam na comunidade Kamba Cua no Paraguai. A maior parte das notícias encontradas traziam a comunidade sempre relacionada à cultura, em especial a Festa Kambá, realizada a cada 6 de janeiro em homenagem ao Rei San Baltasar, na qual se apresentavam artistas do Paraguai e grupos de danças das comunidades. Notícias como a destacada a seguir:

Fiesta de los afrodescendientes: La fiesta, que será a partir de las 21:00, en las instalaciones del Club 6 de Enero, de la comunidad Kamba Cua, exalta la cultura y los valores de la comunidad afrodescendiente del Paraguay. Con danzas, tambores, artistas invitados y comidas típicas, la comunidad reivindica sus raíces y rinde honor a San Baltasar, el integrante negro de los Tres Reyes Magos, elegido como patrono de la comunidad. (ABC COLOR, 4 jan. 2017, s./p.).

A ideia inicial do projeto era trabalhar a cultura como instrumento para fortalecimento do movimento afroparaguaio. Com o mestrado já em andamento, ocorreu o primeiro contato presencial com a comunidade Kamba Cua no ano de 2019 na comemoração do dia 23 de setembro, Dia de la Cultura Afroparaguaya, quando tive a oportunidade de participar das atividades e conhecer a líder do grupo San Baltasar, Lourdes Diaz; o representante do grupo Tradicional de Kamba Cua, Benito Medina; os ativistas Mayeli Vilalba e Roberto Schiappapietra; Dominga Medina que confecciona os tambores na comunidade; María Ignacia Chávez

Medina, Buenaventura Vega de David e Julia Elena Chávez Medina, conhecidas como as “Tias da comunidade”, que são senhoras que possuem muito conhecimento e memória guardada de toda a comunidade; e crianças e adultos que se apresentaram ao final do evento, dentre outros integrantes da comunidade. Conheci pessoas com histórias de vida e conhecimentos que foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Nessa ocasião, o objetivo da pesquisa foi se moldando para o processo de construção do Dia da Cultura Afroparaguaia, pois a comunidade vai muito além da cultura e celebração do dia 6 de janeiro em homenagem ao rei San Baltasar. Não queremos estabelecer uma diferenciação entre cultura e política, como se fossem âmbitos separados. Concordamos com Cristhiano Kolinski da Silva que, ao analisar a comunidade de Kamba Kuá, considera importante “(...) sua resistência em existir como grupo étnico através de um grande investimento coletivo em performances de música, dança entre outras atividades culturais.” (SILVA, 2013, p. 1). Contudo, o que chama a atenção em torno do Dia da Cultura Afroparaguaia é a mobilização da comunidade junto à política paraguaia em termos partidários e institucionais. O 23 de setembro foi estabelecido como o Dia da Cultura Afroparaguaia em homenagem a José Gervasio Artigas, prócer da independência uruguaia - e latino-americana -, que faleceu nessa data em 1850. Artigas se exilou no Paraguai em 1820 e foi acompanhado por cerca de 200 soldados negros, os quais teriam dado origem à comunidade de Kamba Cua. Artigas teria concedido a liberdade a esses soldados.

Minha relação com o objeto desta pesquisa não é pautada por distanciamento e sim por relações de proximidade. Não poderia deixar de mencionar o lugar de fala de quem desenvolve a pesquisa, ou seja, minha auto identificação e reconhecimento como mulher negra. Conforme desenvolve Djamila Ribeiro em *O que é Lugar de Fala?* (2017), o lugar de fala como mulher negra representa uma crítica à universalização da categoria mulher, sobre a qual se pautou o movimento feminista por décadas. Além disso, o lugar de fala como mulher negra, na universidade, representa uma crítica a uma produção acadêmica pautada em agentes e temas canonizados, que reiteram o eurocentrismo.¹ As narrativas das

¹ No livro, Ribeiro apresenta a perspectiva de Patricia Hill Collins, a qual valoriza a condição de “outsider within” das mulheres negras nos movimentos feministas. Em uma tradução aproximada, “outsider within” significaria “forasteira de dentro” e faria referência à capacidade de as mulheres

mulheres negras como ato de restituir humanidades negadas estabelece uma crítica da hierarquização dos saberes como produto da classificação racial e demonstra que o modelo valorizado e universal da ciência é branco, eurocristão e patriarcal (RIBEIRO, 2017, p.16). Esse conceito permite percebermos que a análise parte da localização de determinados grupos e suas relações de poder, as quais constroem a estrutura social.

A autora Patrícia Hill Collins nos coloca que “Examinar las ideas y las acciones de estos grupos excluidos revela un mundo en el cual la conducta es un planteamiento filosófico y en el que permanece intacta una vibrante tradición a la vez académica y activista (1998, p.272). Isso demonstra que nossas ideias fazem parte de nossos corpos ao nos posicionarmos no contexto histórico, político e cultural. Temos que examiná-las e defendê-las a partir da realidade vivida em comunidades, nas atividades cotidianas e nas experiências das mulheres negras em atos coletivos.

Como mulher negra, encontrei outras tantas mulheres negras afroparaguaias. Impossível desconsiderar a importância dessas relações, das quais nos fala Cusicanqui, na constituição deste trabalho.

Outro elemento a ser considerado é que a maior parte da pesquisa foi desenvolvida durante a pandemia do novo coronavírus. A pandemia colocou obstáculos imprevistos e obrigou a mudanças de estratégias para o desenvolvimento do trabalho. Ainda que contatos tenham sido estabelecidos remotamente com membros da comunidade de Kamba Cua e lideranças de outras comunidades e entidades afroparaguaias, foi difícil manter a continuidade e fluidez dos contatos. Assim, a pesquisa ficou bastante dependente de fontes e de bibliografias disponíveis na internet, tendo em vista que o trabalho de campo em Asunción e pesquisas de arquivo e em bibliotecas ficaram inviáveis em meio à pandemia. As dificuldades colocadas pela pandemia talvez expliquem a introdução “anômala” deste trabalho, cuja extensão é bem maior do que a tradicionalmente esperada. É bem maior, pois a sensação é a de que houve vários recomeços da pesquisa.

Este trabalho analisa o processo de construção do “Dia da Cultura Afroparaguaias” na constituição de memória(s) e identidade(s) nas comunidades

negras fazerem um uso criativo do lugar de marginalidade que ocupam na sociedade. Na universidade, as experiências enquanto mulheres negras permitiriam às pesquisadoras apontar as insuficiências e distorções das explicações e das teorias consagradas.

afrodescendentes do Paraguai. A comunidade Kamba Cua, localizada no município de Fernando de La Mora, mais conhecido como bairro Loma Campamento, região metropolitana de Assunção, capital do Paraguai, foi a primeira comunidade afrodescendente a organizar-se politicamente e foi do seu grupo de dança San Baltasar (GSB) que partiu a iniciativa de criar uma data para representar os afroparaguaios. Lideranças da comunidade tiveram, inclusive, um papel ativo na aprovação da data em 2015 pelo Poder Legislativo do país. Assim, a importância do “Dia da Cultura Afroparaguaia” vai além da comunidade e se manifesta como um “lugar de memória” com o intuito de evidenciar o papel dos afroparaguaios na história e cultura do país. Conforme destaca Pierre Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados (...). Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. (...) se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. (NORA, 1993, p. 13).

A Lei 5.464, aprovada em 2015, declara o dia 23 de setembro como Dia da Cultura Afroparaguaia. Pretendemos analisar o processo de construção da efeméride trazendo conceitos e discussões oriundos dos discursos oficiais e das memórias e práticas das comunidades afrodescendentes. Objetiva-se analisar a representatividade da efeméride nas comunidades afrodescendentes, identificar instrumentos oficiais e não-oficiais utilizados para o reconhecimento da presença de afrodescendentes no país e apontar divergências existentes entre lideranças e comunidades afrodescendentes do Paraguai quanto à instituição da data e os mecanismos de reconhecimento. Souza et al., por exemplo, destacam que uma própria liderança da comunidade de Kamba Cua apontou, durante entrevista, a necessidade de encontrar uma representação afroparaguaia para celebrar as comunidades do país. (SOUZA et al., 2020, p. 72).

A comunidade Kamba Cua está organizada em grupos formais e informais. No ballet encontramos dois grupos que atuam nas apresentações culturais e lutam por reconhecimento. O grupo Tradicional de Kamba Cua (GTKC), mais antigo,

formado em 1980 e o Grupo San Baltasar (GSB) formado em 2012. O segundo grupo foi formado por divergências internas na comunidade relacionadas à divisão de recursos. As pessoas que o constituem faziam parte do grupo GTKC.

Com o objetivo de valorizar a história e cultura dos afrodescendentes no Paraguai, o grupo de dança e música San Baltasar se mobilizou e apresentou um projeto de lei para implantação de um dia para comemorar a Cultura Afroparaguaia. Foi escolhido o dia 23 de setembro, data oficial do falecimento de José Gervásio Artigas.

A hipótese inicial da pesquisa era que a comunidade Kamba Cua, por sua expressiva organização política, por ter associações e dois grupos de dança, indicou o 23 de setembro por se considerar descendente dos soldados que chegaram com o General Gervásio Artigas em 1820. Sem descartar a validade de alguns aspectos das hipóteses iniciais, com o decorrer da pesquisa e as entrevistas com representantes de comunidades afrodescendentes, ficou evidente que a criação da data não agrada a todos – e a todas – e tampouco se restringe a uma questão nacional ou ao Cone Sul, o que será desenvolvido no segundo capítulo.

METODOLOGIA

Como metodologia para coleta de dados foi utilizada a pesquisa bibliográfica, em especial a historiografia que se refere aos afrodescendentes, constituição das principais comunidades, suas organizações e articulações. Também são analisados documentos oficiais como a lei e o projeto de lei de declaração do Dia da Cultura Afroparaguaia, assim como o projeto de lei para reconhecimento da população afrodescendente como minoria étnica. Finalmente, contemplamos algumas atividades oficiais e das comunidades relacionadas à efeméride de 23 de setembro, desde sua aprovação em 2015.

Para a abordagem qualitativa, optou-se, também, por entrevistas semiestruturadas com integrantes das comunidades afrodescendentes. Gil destaca que “A entrevista é uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. (GIL, 1999, p. 109).

Alessandro Portelli (2006) coloca que a forma como o entrevistado conta, interpreta e vivencia a história é o objeto de estudo das narrativas orais, sendo mais relevante que a objetividade do fato pesquisado. Em *A Filosofia e os Fatos*, retrata a questão da subjetividade nas narrativas orais “Não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro” (PORTELLI, 1996, p. 4). Prossegue Portelli:

De fato, os textos - tanto os relatos orais como os diálogos de uma entrevista - são expressões altamente subjetivas e pessoais, como manifestações de estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas (motivo, fórmula, gênero, estilo). Por isso é possível, através dos textos, trabalhar com a fusão do individual e do social, com expressões subjetivas e práxis objetivas articuladas de maneira diferente e que possuem mobilidade em toda narração ou entrevista, ainda que, dependendo das gramáticas, possam ser reconstruídas apenas parcialmente. (PORTELLI, 1996, p.4).

Além dessas - e outras - contribuições de Portelli, há uma bibliografia específica sobre a importância da História Oral como metodologia pertinente para a construção da História do negro. Em 2004, Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira

publicaram os primeiros resultados da formação de um banco de entrevistas de história oral sobre o movimento negro no Brasil, desenvolvido por ambos no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Alberti e Araujo Pereira destacam que as entrevistas foram elaboradas tendo em vista compreender o entrevistado, sua trajetória no movimento negro e as relações tecidas com outras lideranças e grupos, assim como com o poder público. Ambos destacam, também, como muitos episódios de suas trajetórias pessoais, especialmente antes do movimento negro, apenas passam a ter importância *a posteriori* na explicação de seu engajamento. Os autores consideram que, para os entrevistados no projeto, “(...) a questão da identidade e do reconhecimento, a questão da sua própria percepção como negro passa por momentos diferenciados, dependendo do contexto, da idade, do pertencimento ou não a um grupo, da forma de ver os outros e de ser visto também.” (ALBERTI; ARAUJO PEREIRA, 2004, p. 15).

Devido à pandemia da Covid-19, período de isolamento social, algumas atividades previstas tiveram que ser readequadas e alternativas foram buscadas para viabilizar os contatos que não seriam possíveis de forma presencial. Assim, a pandemia prejudicou, em parte, os objetivos inicialmente pensados com a metodologia da História Oral. Como alternativas, utilizamos plataformas digitais como Facebook, Instagram, WhatsApp e E-mails para estabelecer contatos e realizar entrevistas.

Além disso, a imprensa paraguaia também foi uma fonte importante para buscarmos as “vozes” dos afroparaguaios e as iniciativas em busca de reconhecimento. A imprensa nos permite apreender não apenas como os afroparaguaios *se apresentam* à sociedade paraguaia, mas também como *são apresentados* a ela. Conforme destaca Tânia Regina de Luca (2008), a imprensa deve ser analisada como *fonte* e *objeto* de pesquisa. Ainda que, nesta dissertação, o primeiro aspecto tenha sido priorizado em relação ao segundo, não nos escapa que a abordagem dos principais jornais do país ainda se pauta principalmente pela *celebração* dos afroparaguaios, em detrimento das desigualdades e conflitos que vivem na sociedade paraguaia. De qualquer modo, considerando o histórico das comunidades afroparaguaias, essa abordagem predominante nos principais jornais

do país deve ser considerada um passo importante, pois indica a conquista de uma visibilidade que não pode mais ser ignorada. Além disso, as redes sociais e os espaços e meios alternativos têm crescentemente aberto espaço para a denúncia e abordagem do preconceito e demais problemas enfrentados pelos afroparaguaios - e já começa a se observar uma mudança inclusive nos principais jornais do país.

A busca das “vozes” dos afroparaguaios através de meios digitais alternativos e da imprensa representou uma perda de espaço do gestual e das subjetividades, cuja importância é destacada por autores como Portelli. Porém, não deixaram de fornecer elementos importantes para a pesquisa. A própria dificuldade em manter ou estabelecer contatos por meios digitais pode ser um indício das desigualdades sócio-econômicas enfrentadas pelas comunidades afroparaguaias.

Para atender aos objetivos da pesquisa, o presente trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro momento apresentamos alguns dos principais elementos e debates sobre a história dos afrodescendentes no país, constituição de comunidades, memória, suas formas de resistência e visibilidade. Posteriormente o segundo capítulo avança em questões do processo de construção do “Dia da Cultura Afroparaguaiá”, o estabelecimento de instrumentos jurídicos, busca de reconhecimento, análise das narrativas de representantes da comunidade de Kamba Cua, suas percepções sobre a criação da data do dia 23 de setembro como sinônimo de representatividade e o papel das mulheres no reconhecimento da história e da cultura afroparaguaias.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO AFRO NO PARAGUAI

A entrada dos afrodescendentes no Paraguai possui diversas origens: a chegada de africanos pelo sistema escravista colonial², a chegada de Artigas em 1820; a permanência de tropas brasileiras após o término da Guerra da Tríplice Aliança³ e novas migrações⁴, dentre outras formas.

O Paraguai é um país que construiu e consolidou a sua identidade nacional a partir da mestiçagem entre o europeu e o indígena, com ênfase para os guaranis.⁵ A ênfase nos guaranis se expressa particularmente no idioma. Mary Monte de López Moreira lembra que a Constituição de 1967 – promulgada durante a ditadura do general Alfredo Stroessner (1954-1989) – reconheceu o guarani como língua nacional⁶ e, em 1992, foi equiparado ao espanhol como língua oficial. Segundo dados apresentados pela autora, “(...) cerca del 90% de la población habla y comprende esta lengua y, más de la mitad de los paraguayos se declara bilingüe (castellano y guaraní).” (MOREIRA, 2013, p. 93).

A valorização do guarani era elemento compartilhado e disputado entre a ditadura e opositores. Em 1963, Oscar Creydt, então líder da Federación de

² Com base em documentos e obras sobre o período, Josefina Plá menciona textualmente a escravizados - e escravizadas - que acompanharam já os primeiros colonizadores da região que viria a ser o Paraguai. De acordo com a autora, ainda que não tenham sido muitos no início da colonização - já que era fácil conseguir mão-de-obra dentre os indígenas -, é significativo que tenham estado presentes desde o começo. Segundo Josefina Plá, o primeiro deles teria sido “un mulato llamado Pacheco”, que acompanhou Alejo García. Alejo García foi um navegador que, em 1516, explorou a Bacia do Prata a serviço da Coroa espanhola e, em 1524, partiu rumo ao Peru. Josefina Plá destaca que os escravizados citados “No fueron seguramente (...) los únicos llegados en los primeros cuarenta años de la conquista. Algunos más debieron desembarcar, anónimos, como a su humilde condición cuadraba.” (PLÁ, 2010, p. 14-15).

³ Boccia Romañach lembra que o exército brasileiro foi composto em grande medida pelo recrutamento forçado de escravizados. (2004, p. 263). A guerra terminou em 1870, mas tropas brasileiras permaneceram no país até junho de 1876. (RIVAROLA, 2013, p. 31).

⁴ Para citar um processo migratório bastante presente em toda a América Latina nos últimos anos, em 2016 foram outorgadas 16 residências a migrantes haitianos em situação regular no Paraguai. (ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES; MERCOSUR, 2017, p. 42).

⁵ Apesar de sua expressividade, os guarani não são os únicos povos indígenas que compõem a população paraguaia. Segundo a Organização Não-Governamental Tierra Viva, “Actualmente, la población indígena que habita dentro de las fronteras del Paraguay está compuesta por 19 pueblos indígenas que pertenecen a 5 familias lingüísticas con una población total de 112.848 personas (...).” (TIERRA VIVA, s./d., s./p.).

⁶ Apesar do reconhecimento do guarani como língua nacional, a relação da ditadura Stroessner com os indígenas foi marcada pelo autoritarismo. Havia a intenção de integrar os indígenas à sociedade paraguaia através de missões religiosas. Houve, também, avanço sobre as terras indígenas, o que prejudicou a sua autossuficiência. Para conhecer mais sobre a relação entre a ditadura Stroessner e os povos indígenas cf. Horst (2011).

Estudiantes del Paraguay (FEP), de oposição a Stroessner, publicou *Formación Histórica de la Nación Paraguaya*. Conforme lembra Liliana M. Brezzo, nessa obra, Creydt defendeu que o idioma guarani foi um dos principais vetores do processo de independência do país. Partindo “(...) de un esquema explicativo del materialismo histórico y de su militancia en el Partido Comunista (...)” (BREZZO, 2010, p. 28), Creydt relacionou a força do guarani aos filhos mestiços que aprendiam o idioma com suas mães nas pequenas propriedades que viviam assediadas pelas grandes propriedades vinculadas ao sistema colonial.

Tendo em vista a tradicional valorização do papel do indígena e particularmente dos guarani, a criação do “Dia da Cultura Afroparaguaia” é um exemplo da “vigilância comemorativa” de que nos fala Nora. A data representa uma ruptura, com potencial para mobilizar os afroparaguaios em busca de direitos e para gerar empatia desde outros setores da sociedade paraguaia.



Ilustração 1 – Mural “Misma Tierra, Distinta Bandera”

Há outro elemento a ser considerado quanto às dificuldades de reconhecimento dos afroparaguaios na história e cultura do Paraguai. Populações afrodescendentes foram – e ainda são – tradicionalmente relacionadas ao Brasil, antigo adversário da Guerra da Tríplice Aliança. Em pleno século XIX, fortemente marcado pelo racismo, a representação dos inimigos brasileiros como negros em periódicos paraguaios era uma forma de encorajar os paraguaios diante de um adversário que seria racialmente inferior. Vale lembrar que as tropas brasileiras eram compostas por número expressivo de escravizados e mestiços. André Toral destaca que a representação dos soldados e governantes brasileiros como negros foi uma das principais marcas das caricaturas publicadas em periódicos paraguaios durante

a guerra. “Cenas de batalhas, tratamento dos inimigos como pusilânimes, caricaturas de soldados brasileiros retratados como negros escravos, “macacos”, e de seus líderes transformados em animais deram uma visão nova da representação da guerra.” (TORAL, 2001, p. 72).⁷



Três macacos: o Imperador, Tamandaré e Polidoro no jornal El Centinela de 1867

Ilustração 2 – Caricatura: Três macacos: o Imperador, Tamandaré e Polidoro

José Lindomar Coelho Albuquerque, em sua tese de doutorado sobre a imigração brasileira no Paraguai durante a ditadura de Stroessner, destaca a permanência dessas representações sobre o Brasil e os brasileiros no país vizinho:

No início da imigração brasileira no Paraguai, Stroessner continuava chamando os brasileiros que não eram descendentes de imigrantes europeus de “cambas” (negros em guarani). No período de desmatamento do Alto Paraná, este teria dito que poderiam “entrar los cambas” para limpar o terreno, mas preferia os descendentes de europeus para o processo de colonização (...). (ALBUQUERQUE, 2005, p. 160).

A posição da ditadura Stroessner reforçava a concepção do negro como elemento exógeno ao país, o qual somente interessaria para o trabalho braçal de derrubada das matas do departamento do Alto Paraná, a leste do país, uma das principais áreas de ocupação dos brasileiros no Paraguai. A área foi colonizada durante a ditadura tendo em vista o desenvolvimento de atividades agropecuárias

⁷ Sobre o mesmo tema cf. Escobar (2007) e Silveira (2009).

voltadas à exportação.

Um exemplo dessa imagem reforçada durante a ditadura Stroessner é representada no filme *Noites Paraguayas* (1982), de Aloysio Raulino. O filme, uma produção brasileira, narra a história de Rosendo, que migra de uma cidade do interior do Paraguai para São Paulo. Em uma cena, Rosendo dialoga com um personagem que representa um negro brasileiro:

- De onde você veio mesmo?
- Paraguaupe, Paraguay.
- Paraguai. Eita guerra que matou gente. Acho que tive até uns parentes que morreram por lá.
- Si, yo también. Tive vários.
- E quem ganhou essa guerra?
- No sé, nosotros perdemos.
- (...).
- E negro, tem negro lá?
- No, no hay. Algunos que ficaram depois da guerra, misturados com índios. (RAULINO, 1982).

No Paraguai os negros não são relacionados apenas aos brasileiros. Os afroparaguaios costumam ser relacionados a outros países da América Latina como a Colômbia, nos quais a presença e o reconhecimento dos afrodescendentes é maior. Em *Kamba Descendientes, conversatorios de mujeres negras y afroparaguayas*, encontro promovido pelo Centro Cultural de España Juan de Salazar, sediado em Asunción, as participantes Alma Areco, Andrea Montaraz, Barbara Medina e Nathalia Toledo relatam experiências de estranhamento por serem paraguaias e como, por vezes, são relacionadas a outras nacionalidades da América Latina. (CENTRO CULTURAL DE ESPAÑA JUAN DE SALAZAR, 2020). Situação similar é vivida por afrodescendentes de países como Argentina, Uruguai e Chile, cujas populações são constantemente relacionadas à imigração europeia, apesar das importantes mudanças em curso na autoimagem dessas sociedades. Um país como o México, tradicionalmente relacionado às populações indígenas, apresenta um quadro semelhante ao do Paraguai. Caroline Silva Ferreira e Jean Bosco Kakozi Kashindi apontam o seguinte:

Hoje em dia tem estranhamentos e perguntas que surgem a partir de diferentes cernes quando se fala em população afromexicana. Destacam-se duas perguntas: Existem mexicanos/as negros/as? Este é um

questionamento que ainda hoje tanto a maioria dos mesmos mexicanos quanto pessoas de diferentes nacionalidades fazem. (SILVA FERREIRA; KAKOZI KASHINDI, 2021, p. 117).

Outro obstáculo enfrentado pelas comunidades afroparaguaias é a perspectiva segundo a qual não haveria racismo no país. Conforme destacamos, a referida presença indígena e especialmente guarani é muitas vezes reivindicada sob a mestiçagem que teria formado a sociedade paraguaia. Exemplo dessa imagem pode ser constatada em reportagem publicada em 19 de agosto de 2021 no site de notícias *H2Foz*, de Foz do Iguaçu, cidade brasileira que faz fronteira com o Paraguai. O site comenta reportagem do jornal turco *Daily Sabath*, publicado em árabe e em inglês, na qual o paraguaio é apresentado como o “povo mais feliz do mundo”. “(...) o jornalista turco Mehmet Ozturk (...) diz quais são as chaves da felicidade do povo paraguaio: alegria, paz e igualdade.” (BENETA, 19 ago. 2021, s./p.). Segundo o *Daily Sabath*, um dos motivos dessa felicidade dos paraguaios seria a ausência de racismo. O *H2Foz* chega a questionar o jornal turco, mas de modo bastante tímido: “Sem racismo? Pois é, talvez haja um *pouquinho*, ao contrário do que diz Mehmet. Mas *muito pouco* [grifos meus].” (BENETA, 19 ago. 2021, s./p.).⁸ Consideramos que histórica e culturalmente foi construída uma relação entre a imagem do país “mestiço” e “feliz”, como se sua sociedade não vivesse tensões e conflitos étnicos. Conforme defende Emanuel Mariano Tadei ao analisar o caso brasileiro, a mestiçagem seria um dispositivo de poder de modo a criar uma consistência entre elementos díspares, “(...) gerando subjetividades dóceis, mal delimitadas e manipuláveis.” (TADEI, 2002, p. 3). Ainda que a perspectiva da mestiçagem no Paraguai seja tradicionalmente relacionada aos europeus e indígenas, notadamente os guaranis, seus efeitos também se manifestam sobre as comunidades afroparaguaias, especialmente no que se refere à suposta “harmonia social” que existiria no país.

Esse tema é aprofundado por historiadores como Ignacio Telesca. O historiador, que tem longa trajetória nos estudos sobre escravidão e

⁸ Essa visão do Paraguai como “o país mais feliz do mundo” tem se sustentado em pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Gallup desde 2012. Essas pesquisas têm sustentado o Relatório Mundial da Felicidade publicado pela ONU. A pesquisa se diferencia por considerar não apenas os indicadores culturais e socioeconômicos, mas também a percepção dos entrevistados sobre suas sociedades.

afrodescendentes no Paraguai, coloca que as fontes coloniais apresentavam os afroparaguaios como um grupo homogêneo, sem a apreensão de suas particularidades. Em “La Historiografía Paraguaya y Los Afrodescendientes”, Telesca critica essa homogeneização e o esquecimento das populações afroparaguaias pelo discurso oficial sobre a mestiçagem. “Queda en claro (...) que a pesar de ser evidente la presencia parda en la conformación del Paraguay, esta realidad fue constantemente dejada a un lado”. (TELESCA, 2008, p. 182). Telesca e outros autores reforçam que essa concepção tradicional de mestiçagem, calcada nos europeus e nos indígenas/guarani, ignora que a população negra e mulata na província paraguaia, no final do século XVIII, representava 11% da população e era ainda maior em Asunción: “(...) en esos años uno de cada dos asuncenos era negro o mulato.” (TELESCA, 2008, p. 171).

Além do esquecimento das populações afroparaguaias, Telesca critica o discurso oficial sobre a mestiçagem como uma construção historiográfica, a qual não seria necessariamente assumida pela sociedade paraguaia ou setores dela. O historiador lembra, assim, da violência que marcou a formação do Paraguai, a qual recaiu sobre os guarani - e afrodescendentes:

El mestizaje, esa unión entre *el español y el guaraní*, no se dio a partir de una mutua complementariedad sino de un sometimiento de los guaraníes por los españoles. Por otro lado, la conciencia mestiza es más un producto historiográfico que uno asumido por los contemporáneos [grifos meus]. (TELESCA, 2008, p.171).

Telesca aponta, ainda, que os próprios mestiços eram ignorados no período colonial. “La sociedad colonial se dividía no entre españoles – mestizos – indígenas, sino entre los primeros y los últimos. Incluso los censos que se poseen de la época colonial (e independiente) no mencionan a los mestizos (se refieren a ‘españoles europeos’ y ‘españoles americanos’).” (TELESCA, 2008, p. 171). Josefina Plá (2010) coloca que apenas em 1811, com a independência, o processo de mestiçagem surge como característica marcante da formação da identidade nacional paraguaia, sendo a categoria espanhol e outras como negros, pardos, mestiços e indígenas alteradas todas como paraguaios. Nesse mesmo sentido podemos considerar as palavras de Bartolomeu Meliá (1997, p.40), que coloca que desde a conquista até a

colônia o Paraguai se constituiu como “una nación, dos culturas”, onde “españoles – mestizos e indígenas” sempre teriam existido e convivido.

Voltando aos afroparaguaios, apesar dos processos que alimentam a sua invisibilização e dificultam o seu (re)conhecimento, a presença do negro no Paraguai remonta ao período colonial, conforme já destacamos anteriormente. Para citar outro exemplo, Don Félix de Azara, espanhol, chegou ao Paraguai em 1781. Em sua obra *Viajes por la América del Sur*, tem um capítulo intitulado *Sobre la gente de color* e, conforme as denominações usadas pelo autor, atesta a presença de negros e mulatos: “Es cierto que en el país se comprenden también los negros (...)” (AZARA, 1850, p. 267). Sobre a população desses grupos, Félix de Azara cita que, segundo “(...) el último padrón de la población del Paraguay, hay cinco españoles por un mulato (...)” (AZARA, 1850, p. 269).

O Bicentenário da independência do Paraguai, comemorado em 2011, foi um momento privilegiado para releituras da história e da cultura do país. Ainda que o tom nacionalista e celebratório tenha estado presente, o país era governado por Fernando Lugo (2008-2012), o que favoreceu uma renovação dos estudos sobre o país. Conforme destaca Paulo Renato da Silva, após “(...) a ditadura, [Lugo] foi o primeiro presidente que não pertencia ao Partido Colorado [do ditador Alfredo Stroessner]. (...) liderou uma coalizão de partidos e de movimentos sociais de oposição – nem todos de esquerda (...). Desde a campanha, Lugo buscou se legitimar como um rompimento com a política paraguaia anterior (...)” (SILVA, 2018, p. 327).

Um exemplo do momento privilegiado que representou o Bicentenário para os estudos sobre os afroparaguaios foi a publicação de uma nova edição do clássico *La Esclavitud en el Paraguay* de Josefina Plá⁹. O texto foi publicado pela

⁹ O livro foi originalmente publicado em 1972, em plena ditadura Stroessner. Para Luc Capdevilla, citado por Brezzo, o livro foi um exemplo de rompimento com o discurso consensual existente sobre a formação do Paraguai e sua identidade nacional, o que indica o perfil “intelectualmente valente” de sua autora. (BREZZO, 2010, p. 28). Nascida em Fuerteventura, Espanha, em 1909, emigrou aos dezoito anos para o Paraguai, onde faleceu em 1999. Como expressa Adriana Veríssimo, “(...) renovou as artes plásticas no Paraguai. Foi jornalista na imprensa escrita, trabalhou no rádio e organizou exposições de arte. Sua obra poética, que não ultrapassa uma centena e meia de poemas, fala da dor de se estar vivo. (...). Ao lado do poeta Hérib Campos Cervera e Augusto Roa Bastos, que sempre se declarou seu discípulo, formou a tríade célebre da chamada Geração dos 40. Ao contrário de seus colegas de geração, Josefina sempre teve uma relação difícil com a ditadura de Alfredo Stroessner (1954-1989).” (VERÍSSIMO, s./d., s./p.).

Intercontinental Editora na Colección Independencia Nacional. O texto foi prologado por Guido Rodríguez Alcalá, cuja obra é múltipla e compreende Literatura, Jornalismo e História. No prólogo, Alcalá evidencia a atualidade do tema no país:

Este Bicentenario es una ocasión para reflexionar sobre la aberración que significa la servidumbre. La explotación del africano resulta hoy inaceptable y la condenamos; sin embargo, debemos percibir y rechazar también toda forma de esclavitud encubierta, para que la igualdad sea un hecho, y no una simple fórmula legal en el país. (ALCALÁ, 2010, p. 11).

Outro exemplo representativo foi a coletânea *Historia del Paraguay*, organizada por Ignacio Telesca. A coletânea tem um capítulo de Telesca dedicado ao tema intitulado *Afrodescendientes: esclavos y libres*. O capítulo foi publicado na segunda parte do livro, denominada *Capítulos para una Historia Social y Cultural*. O tema foi tratado nessa segunda parte ao lado de capítulos sobre mulheres, camponeses, arte, literatura e música, o que representa um diferencial em relação à primeira parte – *Paraguay desde la Prehistoria hasta la Actualidad* –, pautada por uma história política tradicional e cronológica, com exceção do já citado primeiro capítulo – *La historia y los historiadores*, de Liliana M. Brezzo. Telesca destaca a importância do Bicentenário para a ampliação dos estudos históricos no país, mas defende que se trata de um processo mais amplo, que teria começado com a queda da ditadura Stroessner em 1989:

(...) ya iniciado el siglo XXI y en vísperas del bicentenario de la Independencia, resulta necesario e importante retomar el pasado del Paraguay desde las preocupaciones del presente y con historiadores que son testigos y partícipes de este tiempo. Además, tras la caída de la dictadura y con el advenimiento de la democracia se han desarrollado, tanto dentro como fuera del país, distintos abordajes del pasado del Paraguay. Nuevos sujetos históricos han sido tomados en cuenta y la luz de modernos enfoques ha iluminado y enriquecido la comprensión de nuestra historia. Así, no solo las dos guerras – la de la Triple Alianza y la del Chaco – ni la conformación del Estado-nación los ejes que guían la comprensión de nuestro pasado. La libertad ha abierto una ventana para mirar nuestra historia con una perspectiva más rica y más amplia. (TELESCA, 2010, p. 9).

Essa mesma perspectiva também está presente no referido capítulo de Liliana Brezzo publicado na mesma coletânea, ainda que a autora destaque a persistência expressiva do nacionalismo na produção paraguaia:

“El necesario eclipse del influjo nacionalismo en la práctica de la historia en Paraguay aún no se ha producido. No obstante, una serie de acontecimientos originados en la transición ha abierto un contexto histórico optimista. La caída del régimen de Alfredo Stroessner, en 1989, el inicio del proceso de redemocratización y la integración regional del MERCOSUR, en 1991, han favorecido los esfuerzos por superar el aislamiento, y procurar una historia más abierta a nuevos enfoques teóricos y temáticos, y cuyas perspectivas, en estos primeros compases del siglo XXI, son alentadoras.” (BREZZO, 2010, p. 29).

A propósito, no mesmo capítulo, Telesca cita a atuação da comunidade Kamba Kua em favor do reconhecimento dos afroparaguaios e dá exemplos anteriores à criação da “Dia da Cultura Afroparaguaiá”:

Desde hace unos años, la Asociación Afroparaguaya Kamba Kua viene realizando un proceso de recuperación de la identidad afrodescendiente en Paraguay, y ha logrado que surjan otras organizaciones en localidades donde hubo y hay presencia afrodescendiente, como Emboscada y Paraguarí. Además, estas asociaciones han formado una Red Paraguaya de Afrodescendientes. Con ayuda internacional, han logrado realizar un primer censo de las comunidades, y se espera que en la boleta censal del 2012 aparezca una pregunta sobre la identidad étnica de la cual uno se siente parte. Hay una búsqueda importante, por parte de esta red, de hacer visible la presencia afrodescendiente no solo para toda la población, sino también, y fundamentalmente, para el Estado. (TELESCA, 2010, p. 353-354).

A questão do censo das comunidades deve tratar-se de uma provável referência ao Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). Segundo o documento:

“En un esfuerzo importante, en el año 2007, la Asociación Afroparaguaya Kamba Cuá (AAPKC) llevó a cabo, con apoyo de la Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos, el único censo de población y viviendas de las tres comunidades afro conocidas en nuestro país: Kamba Cuá, Kamba Kokue y Emboscada. El mismo revela que 7.637 personas viven en estas tres comunidades y se reconocen como afroparaguayos/as, que prácticamente están equiparadas en cuanto al sexo y que cuentan con una población predominantemente joven: 63% tenía, en ese momento, menos de 30 años.” (JOPARÉ PARAGUAY, 2011, p. 1).

Esse primeiro censo realizado nas três comunidades foi uma estratégia encontrada em Kamba Cuá para ganharem força política em negociações de terras perdidas durante o período das ditaduras de Higinio Morinigo (1940-48) e Alfredo

Stroessner (1954-89), sendo considerado central nas articulações e reivindicações políticas dos afroparaguaios (SILVA, 2013, p. 6). Dessa forma se retrata com dados históricos os problemas sociais vivenciados pela comunidade.

Segundo entrevista concedida por Lourdes Diaz, liderança da comunidade, atualmente em Kamba Cua vivem aproximadamente 700 pessoas. Os homens, em sua maioria, trabalham por dia em fábricas, na construção civil e jardinagem. As mulheres normalmente cuidam de suas casas e a maioria que trabalha fora é empregada doméstica. São poucas pessoas universitárias, em torno de 20 na comunidade. (DIAZ, 23 nov. 2021).

A preocupação com a identidade étnica indica a conexão dos movimentos afroparaguaios com o que ocorre nos países da região. Em 2010, o censo argentino incluiu uma pergunta sobre ancestrais negros, a exemplo do que tinha feito em 2001 em relação aos indígenas. Em 2012, o censo boliviano incluiu a população afroboliviana pela primeira vez. Também em 2012, foi incluída uma pergunta sobre afrodescendentes no censo paraguaio: “De acuerdo a sus rasgos físicos, cultura o tradiciones a alguna persona de este hogar se considera afrodescendiente o *kamba*?”¹⁰. Conforme o Atlas Demográfico del Paraguay, publicado em 2012, 3.867 pessoas responderam que se consideram afrodescendentes, número inferior aos 7.637 que responderam o censo de 2007. (DGEEC, 2012, p.18).

Outros países da América Latina, em busca de reconhecimento para suas populações afrodescendentes, criaram efemérides para o fortalecimento e busca de reconhecimento desses grupos. Em 2001, a Colômbia instituiu o Dia Nacional Afrocolombiano¹¹. Em 2011, o Brasil instituiu o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra.¹² Também em 2011, a Bolívia instituiu o Dia Nacional do Povo e da Cultura Afroboliviana¹³. Em 2013, a Argentina instituiu o Dia Nacional dos Afroargentinos¹⁴ e, em 2015, foi instituído o Dia da Cultura Afroparaguaia. São

¹⁰ Sobre o tema consultar a boleta Censo 2012 em Observatório Censal (2012).

¹¹ Na Colômbia a data é comemorada em 21 de maio e aprovada pela lei 725/2001.

¹² No Brasil a data é comemorada em 20 de novembro e foi instituída pela Lei 12.519 de 2011.

¹³ Na Bolívia a data é comemorada em 13 de setembro e aprovada pela lei 200 de 14 de dezembro de 2011.

¹⁴ Na Argentina a data é comemorada em 8 de novembro em homenagem a María Remedios del Valle, falecida nessa data em 1847. Afrodescendente, María Remedios del Valle lutou pela independência da Argentina e foi nomeada capitã pelo prócer Manuel Belgrano. É conhecida como “Madre de la Patria”. Apesar de Maria Remedios del Valle ser afrodescendente - ao contrário de Artigas -, é interessante como a data na Argentina também está vinculada ao nacional, assim como

países distintos, mas indicam ações similares e em conexão na busca de reconhecimento para os afrodescendentes.

Apesar de rupturas importantes, o papel e o reconhecimento dos afroparaguaios na história e cultura do Paraguai ainda são temas recentes e incipientes, o que, evidentemente, repercute na produção latino-americana. Em *América Afro-Latina (1800-2000)*, publicado em 2004, George Reid Andrews faz menções apenas esporádicas ao Paraguai. O país aparece em tabelas sobre populações afrodescendentes e, conforme desenvolvemos em seguida, o autor cita como importante fato o exílio do líder uruguaio General José Gervásio Artigas no país, depois da derrota na Batalha de Tacuarembó, em 1820, após forte resistência à dominação portuguesa em território uruguaio, em disputa com a Argentina. O exílio do General Artigas em território paraguaio teria colaborado decisivamente para a formação da população afroparaguaia. “Quando Artigas foi derrotado, suas tropas negras constituíam a parte mais leal de seu exército, seguindo-o no exílio permanente no Paraguai, onde se estabeleceram em duas vilas afro-uruguaias perto de Assunção que existem até hoje.” (ANDREWS, 2007, p. 91). No livro de Andrews o Paraguai é bem menos citado do que os vizinhos e, nos agradecimentos, o país não consta dentre os visitados pelo autor para o desenvolvimento da pesquisa que resultou no livro.

Para citar outro exemplo, o Paraguai não é contemplado em *Os Negros na América Latina*, de Henry Louis Gates Jr., publicado em 2011. O autor dedica capítulos ao Brasil, México, Peru, República Dominicana, Haiti e Cuba. Conforme relata o autor, cada um dos países foi escolhido “(...) como representante de um fenômeno maior.” (GATES JR., 2014, p. 15). Sem desconsiderar a importância do trabalho, a escolha dos países reforça os recortes nacionais já consagrados pela historiografia sobre o tema e contribui para a permanência do desconhecimento sobre as populações afrodescendentes em países como o Paraguai.

O entrelaçamento das histórias “nacionais” das populações afrodescendentes à História da América Latina caracteriza a atuação de militantes negros em

no caso paraguaio. Ainda que Artigas seja o principal nome da independência uruguaia, as relações entre Uruguai e Paraguai são marcadas por particular histórico de convergência e solidariedade no âmbito do Cone Sul. Na Argentina, a instituição do Dia Nacional dos Afroargentinos foi estabelecido pela lei 26.852.

diferentes países da região. Em estudo sobre a imprensa negra paulista de meados do século XX, Maria Aparecida de Oliveira Lopes menciona as comemorações do “descobrimento da América” em 12 de outubro de 1945 pelo jornal *Alvorada*. Naquele contexto – a propósito, de acentuado pan-americanismo, o que foi favorecido pelo desfecho da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) em favor dos Aliados –, o jornal saudou o papel do negro na história da América, englobando a Latina e a Anglo-Saxã:

Desde as epopéias dos pioneiros do norte aos bandeirantes do sul até os libertadores – Bolívar, San Martín, Washington, José Bonifácio e o grande negro do Haiti, Toussaint L'Ouverture – disseminados por toda parte, eis-nos ainda, engastados nos épicos poemas de Castro Alves – sempre lutando para arrebentar os grilhões ontem do cativo físico, hoje das heranças atávicas resultantes daquela situação. América! Que tumultuária expressão de beleza e rebeldia trouxe para convulsionar os segredos de tuas plagas essa gente de outras terras. Aventureiros de todos os matizes que até hoje se galardoam de tão grandes conquistas, que não só envergonham aqueles malsinados negros, que vieram gemendo nos pavorosos porões dos navios negreiros. Aqui nos firmamos em meio de toda a tormenta. Com os nossos fetiches também cantamos a América. O traço da nossa sobrevivência é uma aleluia marcante de alegria que traz, no cerne do Novo Mundo, a nossa grande influência à sinfonia bárbara que difunde os ritmos impressionantes, que bem caracterizaram os nossos sentimentos afro-americanos. (apud LOPES, 2007, p. 62).

Outro exemplo importante sobre como as populações afrodescendentes “nacionais” entrelaçam sua história e cultura à América Latina é dado pelo Uruguai. De acordo com Paulo Renato da Silva, a partir de 1992, quando a chegada de Cristóvão Colombo completou 500 anos, as associações ligadas ao movimento negro uruguaio passaram a se mobilizar contra as comemorações do “Dia da Raça”, data celebrada anualmente para exaltar a conquista da América pelos europeus e, em especial, as tradições hispânicas do continente. “Para denunciar a escravidão e a repressão à cultura africana durante o período colonial, as associações ligadas ao movimento negro uruguaio passaram a denominar o 11 de outubro como “O Último Dia da Liberdade Cultural”. Por isso, em 12 de outubro, ostentam faixas com os seguintes dizeres: ‘Os Tambores Nunca Mais.’” (SILVA, 2011, p. 34). Trata-se de uma referência ao silenciamento de sua cultura após a conquista da América.

Pelo histórico de relações amistosas do Paraguai com o Uruguai, sobretudo quando comparamos com Argentina e Brasil, a data seria uma tática – conforme

concebe Michel de Certeau e desenvolvemos em seguida – para conquistar apoio oficial do Estado paraguaio. Finalmente, conforme apontamos acima, a vinculação entre o Dia da Cultura Afroparaguaia e Artigas parecia convergir com outros exemplos que reivindicavam o negro mais amplamente na história da América e não apenas em casos nacionais específicos.

1.1 Constituição de comunidades afrodescendentes

Conforme citado no decorrer do capítulo a presença de afrodescendentes no Paraguai é um assunto em constante discussão, minimizada nos discursos da configuração do país, por vezes silenciada ou até mesmo negada. Entretanto, identificamos pelo menos três comunidades afrodescendentes organizadas no país: Kamba Cua, Kamba Kokue e Emboscada, além de outras como Laurelty, Rosado e outros locais com afrodescendentes que não estão organizados em comunidades. As comunidades não são homogêneas, são geograficamente afastadas e possuem contextos históricos e tradições culturais diferentes.



Ilustração 3 – Localização de comunidades afrodescendentes no Paraguai

Mesmo distante do Atlântico, a diáspora negra chegou ao Paraguai. Paul

Gilroy, em seu livro *O Atlântico Negro*, coloca que a cultura e identidade afro são criadas, redefinidas e renovadas através de um intercâmbio de símbolos e ideias. A abordagem de diáspora faz-se necessária, pois os afrodescendentes, em especial os afrodescendentes de Kamba Cua, possuem histórias fora de seus territórios e que as refizeram ou as estão refazendo em locais diferentes, buscando conservar algumas simbologias, mitos e tradições e serem reconhecidos por participações na construção de outras nações. Para Peter Burke, os escravizados são um exemplo de memórias que resistiram “à destruição de sua casa”, referindo-se à vinda forçada para a América. Segundo Burke, conseguiram “(...) agarrar-se a parte de sua cultura, e parte de suas memórias, e reconstruí-las em solo americano.” Uma vez desterrados, teriam gradualmente estabelecido “(...) uma consciência africana mais geral.” (BURKE, 2000, p. 76).

Hall (2003) trabalha com a temática da diáspora como a produção de novas identidades culturais e tem a intenção de perceber como elas acontecem e se transformam. Em *Pensando a Diáspora*, Hall comenta:

A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de pertencimento cultural, mas abarcar os processos mais amplos o jogo da semelhança e da diferença que estão transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da diáspora, que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna. (HALL, 2003, p. 47).

Conforme citamos, no caso de Kamba Cua, a narrativa da comunidade é que são descendentes de um grupo de lanceiros negros livres, os Artigas Cué, que acompanharam desde o Uruguai o general José Gervásio Artigas durante o seu exílio em 1820.

Os afrodescendentes de Kamba Cua constituíram e vem constituindo seu território e legado cultural sob esse mito de origem. Segundo Glissant:

O principal papel dos mitos fundadores é consagrar a presença de uma comunidade em um território, enraizando essa presença, esse presente a uma Gênese, a uma criação do mundo, através da filiação legítima. O mito fundador tranquiliza obscuramente a comunidade sobre a continuidade sem falhas dessa filiação e a partir daí autoriza essa comunidade a considerar como absolutamente sua essa terra tornada território. (GLISSANT, 2005 p.63).

A tradição oral que se identifica é que, na época de sua chegada, cada família recebeu um lote de terra, sementes e animais para produzirem seu sustento e o que sobrava era comercializado nos mercados de Assunção. Hector Decoud (1930) coloca em seu texto um trecho que corrobora com a narrativa oral colocada por integrantes da comunidade: “Instalados que fueron en sus respectivos lotes, el Gobierno proveyó a cada varón adulto, de una yunta de novillos para amansar y convertir en bueyes, herramientas e implementos de labranza”. (DECOUD, 1930, p. 14).

Buscando contextualizar a formação das comunidades afroparaguaias, encontram-se divergências sobre as comunidades que se originaram com a chegada dos lanceiros livres de Artigas. Decoud (1930), em seu livro *El Campamento Laurelty*, demonstra em seus textos que a comunidade formada com os lanceiros de Artigas é o Campamento Laurelty – e não Kamba Cua:

Franqueadas las puertas paraguayas mediante el permiso obtenido, aquellos hombres se empenaron en que se les reuniesen sus respectivas familias. Realizado el propósito, traspusieron el rio Paraná, desembarcando en Itapuá, hoy Villa Encarnación, erigida en Villa en 8 de abril de 1843, de donde marcharon por tierra hasta el lugar designado con anterioridad para su ubicación, distante como dos léguas de la capital, en la jurisdicción del departamento de San Lorenzo del Campo Grande, sobre la orilla de un abra o cañada que, por un extremo, comunicaba con la calle pública que une dicho Pueblo con el de Luque, y, por el otro, con el campo llamado Nu Guazu (Campo Grande). El número aproximado de personas, era de **ochenta**, entre adultos y menores. (DECOUD, 1930 p. 12-13).

Já Lipski (2009) relaciona as duas comunidades aos descendentes dos soldados de Artigas e destaca que ambas mantinham laços para a celebração de San Baltasar – o que já não ocorre, conforme desenvolvemos no capítulo II:

Hay otro grupo más pequeño de “Artigas-cue” (los que llegaron con Artigas) en la vecina comunidad de Laurelty, hoy día un barrio marginal de unas pocas cuadras de calles de tierra y casas humildes, de la limítrofe ciudad de Luque. A diferencia de los afrodescendientes de Camba Cua, en Laurelty se ha perdido casi toda la conciencia de su origen, menos la celebración anual de San Baltasar en la capilla del Santo Rey. Durante un tiempo las comunidades de Camba Cua y Laurelty mantenían lazos estrechos y competían de forma amistosa para la celebración de San Baltasar, pero en la última generación estos contactos han desaparecido. (LIPSKI, 2009 p. 99-100).

Lipski desenvolve como o tema da formação das comunidades é controverso e, por vezes, sujeito a confusões:

A pesar de que los residentes de Camba Cua y Laurelty reconocen sus orígenes comunes en el exilio del cacique uruguayo Artigas, las referencias bibliográficas son muy confusas. Algunas mencionan solo Laurelty aunque Camba Cua es más conocido; otras citas confunden Laurelty y Camba Cua o afirman que los dos nombres se refieren a la misma comunidad. La cantidad de referencias confusas sobre la identidad de Laurelty se ve reflejada hoy en día en numerosos sitios de la red y sirve para subrayar la dificultad en investigar la historia de los grupos más marginados. Aunque pocos residentes de Laurelty se identifican con la cultura de los afrodescendientes, su grado de marginalidad sociocultural sugiere la posibilidad de unas retenciones etnolingüísticas que remontan a la época en que llegaron los soldados afrouruguayos. (LIPSKI, 2009 p.102-103).

Outro autor que trabalha o tema é Alfredo Boccia Romañach (2004). Em seu livro *Esclavitud en el Paraguay*, narra a entrada de Artigas no Paraguai e se refere aos “morenos de Laurelty”:

En la última etapa de sus operaciones militares, el general oriental José Gervasio Artigas, derrotado y perseguido por su antiguo lugarteniente el caudillo entrerriano Pancho Ramírez, solicitó refugio al Dictador del Paraguay. Obtenido el asilo, muchos de sus soldados le siguieron en el infortunio. Este contingente de aproximadamente 80 hombres – compuesto en la mayor parte por gente de color – se afincó definitivamente en tierra guaraní, constituyendo el mayor aporte de sangre negra en la historia de la vida independiente del Paraguay. El asistente de Artigas, el negro Alsina, acompañó al líder oriental hasta su muerte, convirtiéndose en un símbolo de fidelidad y devoción, virtudes ressaltadas con orgullo y con justicia por sus descendientes, los morenos de Laurelty. (BOCCIA ROMAÑACH, 2004, p.233).

As divergências sobre os soldados de Artigas e sua contribuição para a formação de Kamba Cua e/ou Laurelty e, mais amplamente, da população afroparaguaia, são salutares e desejáveis em certa medida, pois ajudam a romper a homogeneização em torno da categoria negro e similares. Porém, essas divergências não podem levar à divisão e ao enfraquecimento em torno de pautas que são de interesse comum.

Além disso, conforme destaca Lipski, essas divergências também são indicativas da dificuldade de se estudar esses grupos, apenas recentemente contemplados de modo mais efetivo pela produção acadêmica. Por meio das

manifestações culturais estão buscando formas para alterar essa situação e reivindicar a cidadania, considerada como direitos de todos.

Apesar de sua presença, história, manifestações e contribuições culturais, a população afrodescendente continuava - e continua - em busca de reconhecimento, conforme publicado no Informe de Direitos Humanos do Paraguai em 2012:

El Estado paraguayo mantuvo olvidados a los afrodescendientes durante casi dos siglos. Al omitirlos de sus registros y memoria, ha dificultado el mantenimiento de su propia identidad, sus formas de organización, su cultura y sus tradiciones. Las comunidades afrodescendientes requieren un acompañamiento del Estado con modelos de desarrollo que preserven su identidad, aportes y potencialidades en una sociedad pluricultural. Esa tarea estatal sigue en la lista de las asignaturas pendientes. (GUGGIARI; MEDINA, 2012, p. 79).

A memória oficial de um país é a memória coletiva dos grupos dominantes e conta a história dos dominadores - ainda que existam fissuras e diferenças entre esses grupos -, ficando em segundo plano as vivências e lutas dos grupos minoritários.

Peter Burke faz uma análise que se encaixa bem na busca e valorização de memórias empreendida pelas comunidades afroparaguaias, especialmente nos últimos anos. Busca essa que tem o objetivo de reescrever a sua própria história e a do país. De acordo com Burke, os vencedores “(...) podem dar-se o luxo de esquecer, enquanto os perdedores não conseguem aceitar o que aconteceu e são condenados a remoê-lo, revivê-lo, refletir sobre como poderia ter sido diferente.” (BURKE, 2000, p. 83). Ao considerarmos a memória em seu conceito cotidiano podemos interpretá-la como a lembrança de fatos passados e como esta interfere em práticas e processos de (res)significação diversos, os quais são sempre pautados pelas demandas colocadas pelo presente. No caso da crescente organização das comunidades afroparaguaias, o “refletir sobre como poderia ter sido diferente”, do qual nos fala Burke, é acompanhado de um *agir para ser diferente*. É uma espécie de “vitória na derrota”. A (auto)consciência da invisibilização tem sido acompanhada do desejo de rompê-la. A novidade é que esse desejo é cada vez mais assumido e *publicizado*, entendendo o *público*, de forma ampla, como o *espaço da política*, conforme aponta Hannah Arendt. (PERES FREITAS, s./d.). Burke fala

que os vencedores podem dar-se ao “luxo de esquecer”. A questão é que não esquecem. Daí a importância do papel que vem sendo assumido por lideranças e comunidades afroparaguaias e de sua entrada nos debates sobre a história e a cultura do país.

Em outra passagem que nos parece pertinente para o caso dos afroparaguaios, Burke considera que os que possuem raízes culturais podem “(...) considerá-las como certas, mas quem não as têm sente necessidade de procurá-las.” (BURKE, 2000, p. 83). Os já citados estranhamentos vividos pelos afroparaguaios em seu próprio país são representativos dessa necessidade de procura por raízes culturais.

Pierre Nora coloca que “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1984, p.19). Podemos dizer que as memórias da comunidade “sempre estiveram lá”. Contudo, a constituição dessas memórias como *afroparaguaias* se trata de um processo bem mais recente. Na comunidade, a memória coletiva e dos grupos afrodescendentes é representada pela história oral contada em especial pelas “tias da comunidade” - já citadas anteriormente que são as senhoras que possuem muito conhecimento guardado na memória. Seus relatos, até o momento, não constam nas histórias oficiais. Para além das questões étnico-culturais, é preciso considerar, também, que muitos detalhes e acontecimentos estão silenciados nessas mulheres devido a fatores relacionados à invisibilidade e silenciamento de mulheres em tomadas de decisões, tema que será abordado no segundo capítulo.

1.2 Identidade afrodescendente

O uso do termo afrodescendente na América Latina é recente. Foi adotado pela primeira vez oficialmente no ano de 2000 na Conferência Regional contra o Racismo realizada em Santiago, Chile.

Jorge Romero Rodríguez, em seu artigo *Entramos negros y salimos afrodescendientes*, faz referência à criação do termo afrodescendente:

El Documento firmado por los estados en Santiago de Chile (2000), y refrendado en Durban (Sudáfrica, 2001) es el fiel testimonio de que la solución al problema "negro" fue de tal forma planificada, que su invisibilidad social y su "no presencia" en los Estados modernos forma parte de la ingeniería impuesta a partir de la trata y sus posteriores aboliciones. (RODRÍGUEZ, 2004, p.1).

Esse termo engloba uma variedade de outros termos que descrevem percepções locais e nacionais da raça, como moreno, pardo, mulato, crioulo, kamba, entre outros, que se aproximam mais à compreensão de raça e relações raciais dos latino-americanos. Algumas dessas categorias representam a percepção das pessoas sobre raça e miscigenação, em vez de identidades de grupos, e frequentemente incluem estigmas e preconceitos provenientes de longa história de discriminação e racismo. Muitas dessas percepções se baseiam na aparência física ou no tom da pele. Identificar-se ou ser identificado pelos outros em uma categoria é motivado por fatores sociais como classe, cultura, origem familiar, histórico de vida e discriminação. Como resultado de uma história complexa de relações raciais que começou no período colonial e continua até os tempos atuais temos diferentes termos que descrevem a miscigenação.

Em relação ao processo de formação do Paraguai, os termos afros mais identificados são “kambá”, usado nacionalmente¹⁵; “afrodescendente”, de uso mais recente e também usado nacionalmente, “pardo libre”, presente na comunidade de Emboscada¹⁶ e “afroparaguaio” para os que nascem no país.

Aos questionar sobre os termos afroparaguaios e afrodescendentes com pessoas da comunidade, o termo afrodescendente foi destacado como sendo

¹⁵ Kamba significa negro em guarani. Porém, outros significados são atribuídos ao termo em *Kamba Descendientes - conversatorios de mujeres negras y afroparaguayas*. Kamba é o nome de um grupo étnico no Quênia e, em Angola, o termo significa amigo, (CENTRO CULTURAL DE ESPAÑA JUAN DE SALAZAR). Segundo Anaide Carvalho e Eduardo Bonzatto, há escravizados do Quênia que foram levados ao porto de Montevidéu e a comunidade de Kamba Cua reivindica a sua origem justamente no Uruguai. Em tempo: segundo Carvalho e Bonzatto, cua, em guarani, significa caverna e, portanto, Kamba Cua significa “caverna de negros”. (CARVALHO; BONZATTO, 1 jun. 2020, s./p.).

¹⁶ A comunidade de Emboscada é a mais antiga das comunidades afrodescendentes (1740). Está localizada a uns 33 km da capital Asunción e é pouco conhecida pelos paraguaios.

utilizado por pessoas descendentes de negros e o termo afroparaguaio como as pessoas afrodescendentes que nascem no Paraguai. Em conversa, Lourdes Diaz coloca: “Me encanta que me llamen de afroparaguaya” (DIAZ, 2021, s.p).

Afroparaguaia: se por um lado o termo indica a força da identidade nacional, o prefixo afro indica a releitura dessa identidade e um questionamento à perspectiva tradicional da miscigenação. Kabengele Munanga, em seu livro *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*, coloca que “A política e a ideologia de branqueamento exerceram uma pressão psicológica muito forte sobre os africanos e seus descendentes. Foram pela coação, forçados a alienar sua identidade transformando-se cultural e fisicamente em brancos” (MUNANGA, 1999, p.24). Daí a importância do depoimento de Lourdes Diaz quando diz: “Adoro que me chamem de afroparaguaia”.

Ressaltamos que a mestiçagem, conforme já citada, pode ser considerada como um projeto de Estado com a perspectiva de diluir a autoidentificação das pessoas enquanto negro-afrodescendentes e, assim, omitir a presença de afrodescendentes na constituição dos Estados com o propósito de exaltar a presença de pessoas brancas. Deixando para os negros a visibilização apenas em situações como a escravização, marginalidade e exclusão política, econômica, social e cultural.

Na história do Brasil normalmente encontramos a história do negro relacionada ao período escravista marcado por subordinação e dominação. Parte desse processo foi amplamente divulgado e tratado como ciência, sendo divulgada como uma necessidade pela busca de “progresso”. Apesar dessa perspectiva, desde o período escravocrata os negros formavam organizações para lutarem contra o sistema estabelecido, se organizavam em quilombos, irmandades religiosas e no movimento abolicionista.

Já citamos a obra de Félix de Azara. Apesar de destacar a presença de negros e mulatos no Paraguai no final do século XVIII, o autor apresenta um elemento que seria – e ainda é – constantemente reiterado, o qual colabora para a falta de reconhecimento dos afroparaguaios no país: apesar das clivagens sociais, a sociedade colonial no Paraguai teria tido um caráter “harmônico”, resultado de uma sociedade “miscigenada”:

No se puede dejar de admirar aquí la generosidad de los españoles del Paraguay, que han dado la libertad a 174 de sus negros y mulatos sobre 100; aunque nadie tuviese mayor necesidad que ellos mismos de la esclavatura. En este país no se conocen esas leyes y castigos atroces, que se quieren escusar como necesarios para mantener la subordinación de los esclavos. La suerte de estos desgraciados en nada se diferencia de la de los blancos de la clase pobre, y aun es mejor que la de estos. (AZARA, 1850, p. 270).

Assim, apesar de o discurso sobre a mestiçagem no Paraguai ter se consolidado apenas depois da independência e envolver especialmente os europeus e os indígenas/os guarani, a obra de Félix de Azara indica que há uma construção semelhante em relação aos escravizados e libertos ainda no período colonial.

Ao se referir ao período colonial, Hipólito Sánchez Quell – o qual foi Ministro das Relações Exteriores (1954-1956) e Embaixador no Brasil e outros países durante a ditadura Stroessner –, destaca um elemento que comumente dificulta o reconhecimento da população afroparaguaia: Sánchez Quell se refere à “escassez” da população afroparaguaia. Essa imagem representa um obstáculo ao reconhecimento de sua representatividade. Além disso, Sánchez Quell apresenta a imagem da sociedade paraguaia como “sincrética” ou “mesclada”:

En esa región intermedia estaba también la aldea de negros denominada Laurelty. La introducción de la masa africana en el Paraguay fue muy escasa. Por eso los negros carecieron casi de influjo en la constitución étnica del pueblo. Laurelty era uno de los escasos sitios donde se habían establecido. Allí celebraban anualmente la tradicional fiesta de San Baltasar, el Rey Mago negro. El día de San Baltasar es una fiesta de la forma, del sonido y del color. Sus ritos son resultado de un sincretismo o mezcla de creencias africanas, indias y españolas. (SÁNCHEZ QUELL, 1972, s.p.).

Ao escrever a letra da canção San Baltasar, Sánchez Quell reforça essa imagem. A canção está até hoje presente nos festivais de 6 de janeiro:

SAN BALTASAR

Ya llegó el 6 de enero fecha de San Baltasar
y en la Loma Campamento se presentan a celebrar
kamba de roja bandera se adelanta hacia el camino
pues ya bajan por la loma los grupos de peregrinos
Encuentro de abanderados que saludan toreando
piruetas de disfrazados que danzan contorsionando
el cura de la capilla prepara misal y atril
alegre y triste resuena el tam tam del tamboril

San Baltasar nuestro Rey Mago que protege a los kamba
 San Baltasar somos tus hijos que alabamos tu bondad
 Treinta metros de rodillas lento un promesero va
 con cántaro en la cabeza ágil baila una kamba
 de gran capa colorada va vestido un mocetón
 luce corona dorada de refulgente cartón
 Las mozas de ébano bailan bajo la fresca enramada
 el mosto corre y retoza la calesita encantada
 fiesta extraña de la forma del sonido y del color
ritos negros blancos indios se han metido en el tambor [grifo meu].

Esses elementos apresentados pelos autores acima proporcionam entender uma das principais dificuldades para o reconhecimento da população afroparaguaia, pois ressaltam a miscigenação e o sincretismo entre negros, brancos e indígenas no Paraguai. Miscigenação e sincretismo não são sinônimos, mas ambos conduzem a uma construção harmônica da sociedade paraguaia. De um modo geral, enquanto a miscigenação indica sobretudo a formação de algo novo a partir de elementos diferentes, os quais teriam se combinado, o sincretismo supõe a convivência harmônica desses elementos, mesmo sem “se mesclarem”.¹⁷ Evidentemente, não se trata de negar as relações histórico-culturais das comunidades afroparaguaias com o restante da sociedade paraguaia. Contudo, vale ressaltar, por exemplo, que Sánchez Quell pertenceu a uma ditadura que apelava ao nacionalismo para buscar a “unidade nacional”. Nesse contexto, o direito à diferença era secundado.

A historiografia é importante para questionar essas imagens em torno do sincretismo e da miscigenação. Andrews, já citado anteriormente por sua obra *América Afro-Latina*, destaca em seu livro *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)* as políticas de branqueamento iniciadas com a imigração de europeus e algumas competições que isso ocasionou no mercado de trabalho. Ou seja, a imigração europeia levou os trabalhadores negros a novos embates e âmbitos de agência.

¹⁷ Existe um amplo debate e produção sobre esses conceitos, com diferentes matizes. Conforme aponta Peter Burke (2003), por vezes diferentes conceitos sobre as interações culturais são inclusive empregados com sentidos semelhantes. Contudo, o que nos interessa destacar é como conceitos como miscigenação e sincretismo - e as suas variações - excluem ou minimizam os conflitos existentes em uma sociedade como a paraguaia. Além disso, conforme destaca Peter Burke, esses conceitos parecem excluir o agente individual e sua capacidade de escolhas. Ao se referir ao conceito de sincretismo, Burke ainda destaca que é necessário considerar “(...) até que ponto os diferentes elementos são fundidos (como quem já usou um mixer de cozinha sabe, há graus de fusão).” (BURKE, 2003, p. 55).

Em sua obra *The Afro-Argentines of Buenos Aires (1800-1900)*, o autor analisa o mito do desaparecimento da população afroargentina a partir da imigração como política de branqueamento do Estado. Em suas conclusões relata que não houve necessariamente a diminuição das populações negras - ou não na proporção por vezes considerada - e sim a diluição destas populações entre os brancos devido a marcadores raciais da sociedade, ocasionando o não reconhecimento. Em outras palavras, em uma sociedade racista como a de Buenos Aires no século XIX, os negros não teriam necessariamente deixado de existir ou diminuído drasticamente a sua população, apesar de inúmeras mortes provocadas, por exemplo, por epidemias como a de febre amarela; o que teria ocorrido é que, na Buenos Aires racista do século XIX, os negros teriam tido dificuldade de se identificarem enquanto tais. A Argentina, ao contrário do Brasil e do Paraguai, não construiu sua autoimagem calcada na miscigenação ou no sincretismo em relação a indígenas e negros. De qualquer modo, esses elementos tratados por Andrews podemos estender também ao Paraguai, que muitas vezes não reconhece os afroparaguaios por motivos similares aos relatados no Brasil e Argentina.

1.3 Simbologias, mitos e tradições

A arte da dança, música e símbolos podem ser considerados elementos da cultura utilizados pelos afroparaguaios como forma de fortalecer sua etnia no movimento de visibilização e reconhecimento.

“Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo se poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social como por exemplo se poderia falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe” (SANTOS, 2006 p. 44).

Com a chegada dos negros de diferentes regiões, a cultura foi agregando influências como cita Alfredo Romañach:

Como los negros procedían de muy diversos pueblos del África, fueron portadores de una cultura muy diversificada en usos, creencias e idiomas. Es imposible ignorar la influencia de la música y los bailes que los grupos negros divulgaron generosamente en toda la región. (BOCCIA ROMANACH,

2004 p.175).

San Baltasar é considerado o padroeiro dos “Kambás”. É o rei negro dos “três reis magos” que no calendário católico são comemorados no dia 6 de janeiro como o Dia de Reis. Tradicionalmente, na comunidade de Kamba Cua, todos os anos no dia 6 de janeiro ocorrem festividades e procissões em sua homenagem com o objetivo de preservar a história, memória e cultura afroparaguaia. “La imagen de San Baltasar es sagrada, tenemos mucha fe, incluso personas de fuera de la comunidad participan en las celebraciones, pagan promesas. Muchas personas que están en el hospital frente a la comunidad cumplen sus promesas y participan”. (DIAZ, 2021, s.p).

Decoud aborda as práticas religiosas e a crença no Rei San Baltasar como um dos elementos de identidade dos afrodescendentes no Paraguai. Os soldados de Artigas teriam trazido ao Paraguai uma imagem do santo:

Como la creencia y prácticas religiosas es uno de los factores que mantiene la cohesión y fraternidade, el gobierno no les puso trabas cuando instituyeron, como santo patrono de ellas, a San Baltasar, cuya imagen la habían traído consigo y se encontraba a cargo y cuidado del mismo Donato Pereira¹⁸, en el oratorio construido al lado de su casa. (DECOUD, 1930 p. 14).

Decoud (1930) também apresenta um relato sobre a festa de San Baltasar na comunidade de Laurety - a qual, a exemplo de Kamba Cua, segue comemorando o rei mago negro:

El 6 de enero de cada año, día del patrono, lo festejaban con funciones religiosas y profanas, las cuales atraían mucha concurrencia por lo llamativo y pitoresco que eran los negritos (de ambos sexos), vestidos de seda, color rojo, con capa de la misma tela y color, orlado con relucientes galones dorados, y una corona o gorra orpelada, en la cabeza, simbolizando a los Reyes Magos. Montados, cada uno con sus conductores, en hermosos caballos, ricamente enjaezados, formaban de inmediato el numeroso séquito del Santo, en su ida y vuelta a la iglesia del Pueblo. (DECOUD, 1930 p. 15).

Como sugere o texto de Decoud, essa prática religiosa atraía os povos

¹⁸ Donato Pereira foi integrante do grupo que se distinguiu por suas atitudes e pela extensão de seu cultivo. Seu estado próspero e de sentimentos humanitários valeram para ser considerado como padre e protetor de seus companheiros (DECOUD, 1930, p.14).

vizinhos para conhecerem as danças e cantos negros. Conforme destacamos anteriormente, sem desconsiderar as relações das comunidades afrodescendentes com o restante da sociedade paraguaia, é interessante notar como o relato de Decoud reforça a imagem harmônica da sociedade paraguaia, construindo um “mito de unidade”:

Fué tal la fama y nombradía que adquirió esta función que era la cita de las gentes de los pueblos circunvecinos y hasta de la capital misma, atraídas por la originalidad de las danzas y cantos de los negros, como por el respeto y amabilidad que prodigaban a los que compartían con ellos la celebración de los festejos a su santo patrono. En fin, tan gustosas y contentas parecían vivir aquellas gentes, que no demostraban arrepentirse de la suerte que les cupo de haber peregrinado en pos de su jefe y compatriota el General José Artigas. (DECOUD, 1930 p.15-16).

O livro de Hector Decoud foi divulgado na comunidade de Laurely nas festividades de 199 anos da chegada de Artigas ao Paraguai. Foi lançado um folheto livro, conforme especificado na imagem abaixo, como forma de apresentar às pessoas da comunidade e também de fora como ocorriam as celebrações em torno do 6 de janeiro.

[...] Celebramos tradicionalmente la libertad y el sincretismo en homenaje al Santo Rey Baltazar como desde hace 199 años con la llegada de nuestros antepasados lanceros africanos y afrodescendientes que escoltaban al Gral Artigas en su asilo en Paraguay. Compartimos el primer documento escrito que narra como se celebrara en esa época al son de gombas, el cual también fue una Danza colectiva de origen negro, de carácter frenético y gran número de participantes. Se bailaba a ritmo de tambores de diferentes tamaños, algunos de grandes dimensiones y sonido profundo que era audible a varios kilómetros. (LAURELTY, 2020, s./p.)

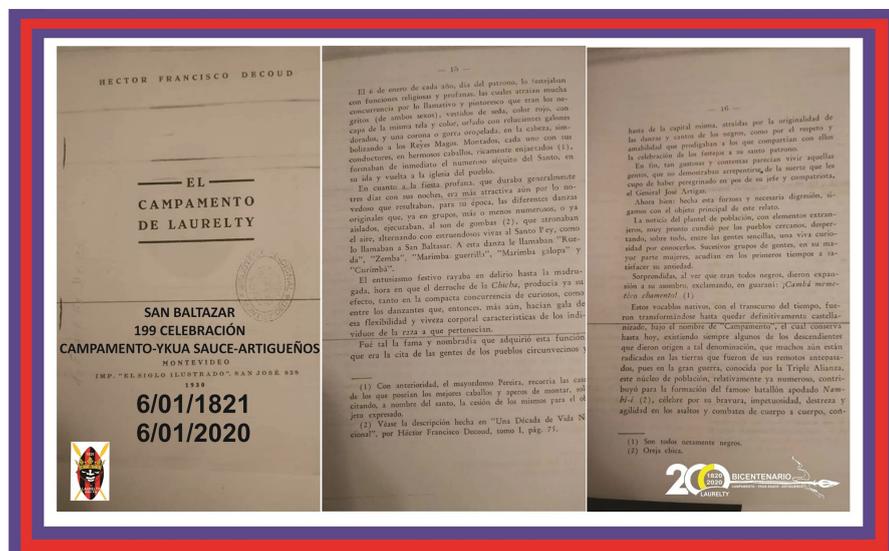


Ilustração 4 – Folheto-Livro de Hector Francisco Decoud

Eduardo Galeano, em *Memorias del Fuego II – Las Caras y las Máscaras*, narra a história da América Latina em alguns acontecimentos relatados pelo ano. Ao recordar os acontecimentos de 1821, refere-se à celebração de 6 de janeiro no Campamento Laurelty:

San Baltasar, el rey negro, el más mago
 Desde los pueblos vecinos y lejanas comarcas, acuden los paraguayos a ver a estos extraños seres de piel de noche. No se conocían negros en el Paraguay. Los esclavos que Artigas había liberado, y que han seguido al caudillo en la huella del destierro, hacen pueblo en Laurelty. Los acompaña Baltasar, el rey negro elegido para dar la bienvenida a Dios en la tierra. Invocando a san Baltasar, trabajan los huertos; y por él suenan tambores y cánticos de guerra traídos desde el África hasta las llanuras del río de la Plata. Los compañeros de Artigas, los Artigas-cué, visten capas de seda roja y coronas de flores cuando llega el 6 de enero; y bailando piden al rey mago que nunca más vuelva la esclavitud, y que les dé protección contra los malos espíritus que dejan blanda la cabeza y contra las gallinas que cantan como gallo. (GALEANO, 1990, p.114).

Atualmente a Comunidade de Laurelty continua comemorando as festividades a San Baltasar como forma de relembrar e manter presentes as suas tradições. Abaixo à esquerda temos imagens dos Santos que estão na comunidade, à direita parte do quadro *Candombe federal, época de Rosas*, do pintor argentino Martín Boneo (1829-1915)¹⁹, e um logotipo da divulgação do Bicentenário da chegada de Artigas:

¹⁹ Candombe é uma dança com tambores típica de escravizados que foram levados ao atual território do Uruguai, mas também presente em outros países da região como a Argentina, como é retratado no quadro de Martín Boneo.

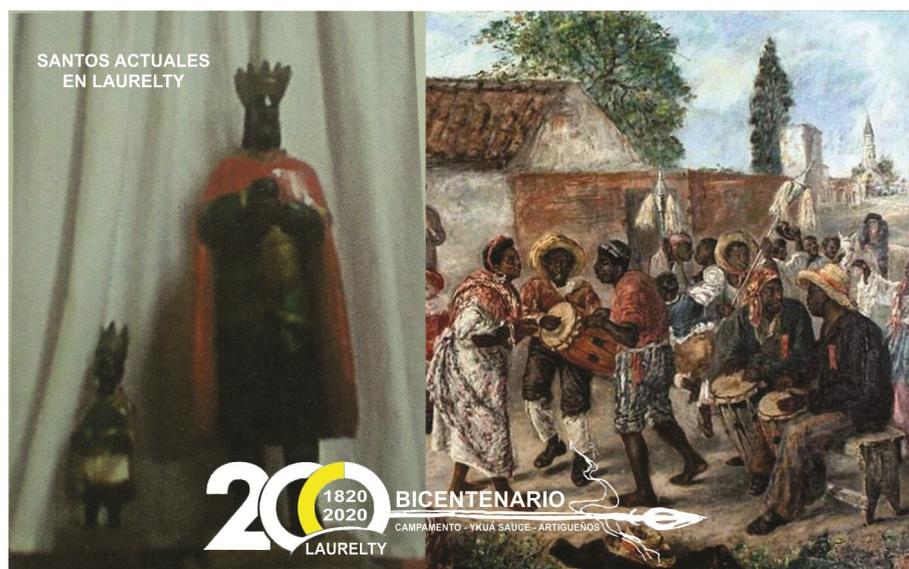


Ilustração 5 – Divulgação do Bicentenário da chegada de Artigas

Segundo informou o ativista Roberto Schiappapietra, o próprio participou da elaboração da imagem acima. Percebemos que quando há a participação de lideranças e outros membros de comunidades afroparaguaias, as representações sobre o negro podem ser substancialmente diferentes.²⁰ Acima, a imagem do negro está relacionada às festividades e elementos de sua cultura, como o uso do tambor. Personagens negros e elementos de sua cultura estão em primeiro plano, diferentemente das narrativas anteriores que comentamos, as quais ressaltam a miscigenação e o sincretismo.

A comunidade Kamba Cua possui organização formal por meio da cultura e, como já comentado anteriormente, conta com dois grupos de música e dança, o Grupo Tradicional Kamba Cuá e o Grupo San Baltasar, os quais utilizam as práticas culturais e a música na luta pela manutenção da comunidade e território, como também para resistir ao apagamento de suas tradições. As manifestações culturais também ocorrem em momentos considerados como marcos na tradição como é o caso da devoção a San Baltasar nas festividades do dia 06 de janeiro e, mais

²⁰ Roger Chartier destaca que as “(...) representações do mundo social (...) são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.” Ainda segundo o autor, as representações “(...) produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.” As representações devem sempre analisadas, assim, em um “(...) campo de concorrências e competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.” (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

recentemente, pelo grupo San Baltasar de Kamba Cua no dia 23 de setembro, decretado como o Dia da Cultura Afroparaguaia.

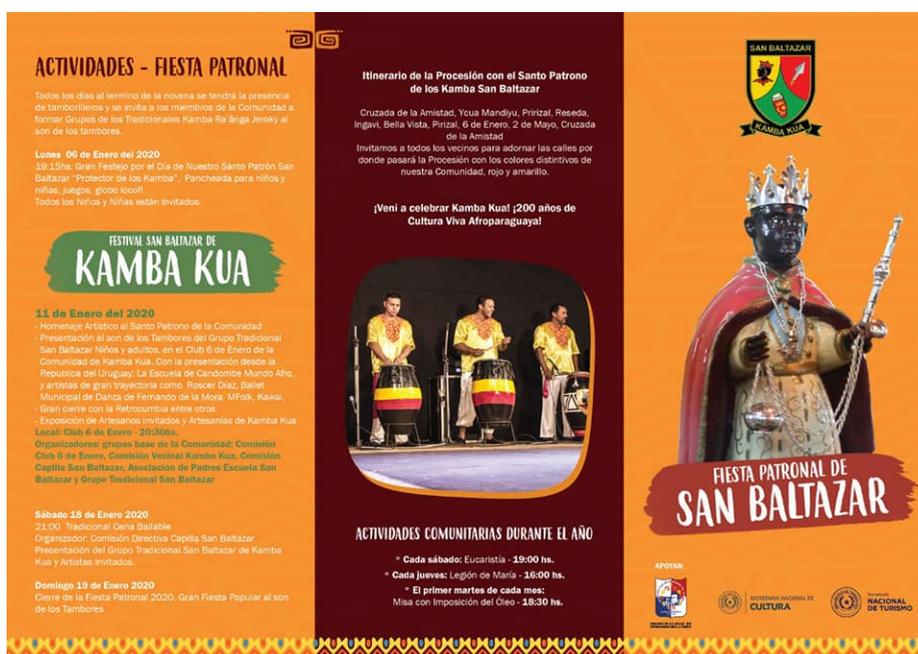


Ilustração 6 – Divulgação do Festival San Baltasar de Kamba Cua

Como forma de resistência e com o objetivo de combater a repressão do Estado Paraguaio, em 2008 as comunidades afrodescendentes de Kamba Cua, Kamba Kokue e Emboscada se articularam e se uniram para fortalecimento político e cultural em busca de reconhecimento e formaram a Rede Paraguaia Afrodescendente – RPA.

A formação dessa rede no início foi fundamental para buscar a representatividade da população negra no Paraguai. Foi por meio da cultura que o movimento afroparaguaio se consolidou para reivindicar seus objetivos e buscar visibilidade.

O Festival Kambá é organizado pela Rede Paraguaia de Afrodescendentes e pelo Grupo Tradicional de Kamba Cuá. Em 2020 realizou sua 29ª edição. No início a Festa Kambá era mais para a comunidade e participavam alguns artistas locais. Entretanto, nas últimas edições, o evento é bem divulgado e recebe o apoio de instituições como é o caso da Secretaria Nacional de Cultura.



Ilustração 7 – Festa Kamba 2020 Lázaro Vive. Edição XXIX

Com a descrição das celebrações da tradição de San Baltasar pelas duas comunidades – Laurely e Kamba Cua – e esta última tendo seus dois grupos de dança, é possível identificar que as tradições ocorrem, mas estão separadas como se fossem blocos nos grupos das comunidades.

Desde 2012, o grupo San Baltasar também organiza as festividades de San Baltasar separadas do Grupo Tradicional de Kamba Cua. São da mesma comunidade, perseguem objetivos similares, mas também trabalham em frentes diferentes. O grupo San Baltasar não faz parte da rede Afroparaguaia de afrodescendentes. Contudo, quando o assunto é a busca de melhorias para a população afrodescendente em geral, como atividades e reuniões que ocorrem em parceria com outros órgãos, em especial a Secretaria Nacional de Cultura, os grupos trabalham de forma conjunta buscando reconhecimento e visibilidade. Esses movimentos internos e externos às comunidades indicam como a identidade é um processo sempre em aberto, dinâmico e relacional. Silva considera que “A identidade, tal como a diferença, é uma relação social (...)” (SILVA, 2000, p. 84).

A busca por uma identidade afroparaguaia e reconhecimento no Paraguai é nítida entre os afrodescendentes. Percebe-se todo um processo de produção simbólica, mitos, discursos e memórias. Os afrodescendentes disputam seu lugar e história na historiografia do país onde residem. Por essas razões buscam suas identidades internamente na comunidade para se fortalecerem e enfrentarem as

diferenças que encontram externamente, em especial nos cenários econômicos, políticos e culturais.

No início de 1990 fortaleceram os laços com a Organização Mundo Afro - OMA²¹, do Uruguai, que busca promover os direitos e aumentar a visibilidade da população afrodescendente. Como Kamba Cua está por sua história relacionada a Artigas, um general uruguaio, Mundo Afro e o Grupo Tradicional de Kamba Cua iniciaram processos de recuperação da cultura de raízes ancestrais. A OMA promove e integra oficinas regionais para análise de políticas de equidade racial e vincula ações solidárias com as comunidades negras de todo o mundo, promovendo cooperação e intercâmbio para recuperação e difusão da memória histórica. Essa relação de Kamba Cuá com os afrouruguaiois resultou em doações de tambores, oficinas de construção do instrumento e de toques de candombe e também apoio político na negociação de territórios.

²¹ Criada em 1988 em Montevideo, Uruguai, a Organização Não Governamental Mundo Afro é uma associação que trabalha na promoção dos direitos e aumento da visibilidade da população afrodescendente no Uruguai.

2 ENTRE DOCUMENTOS E NARRATIVAS

O Projeto de lei da Declaração do Dia da Cultura Afroparaguáia cita em seus argumentos a presença de comunidades afrodescendentes no país, sua cultura e grupos de dança. O documento cita tanto a comunidade de Kamba Cua como a de Laurelty, como também se refere a outras:

Que, hoy las comunidades afrodescendientes se encuentran en las localidades de Emboscada “Pardos Libres”, Fernando de la Mora “Kamba Cua”, San Lorenzo “Laurelty”, y Paraguarí Kamba Kokue, manteniendo cada grupo su cultura en la danza, elaborando instrumentos musicales, celebrando sus festividades a través de los años y reconocidos a nivel nacional e internacional nuestras comunidades. (CONGRESO NACIONAL; H. CÁMARA DE DIPUTADOS, 2015, s./p.)

Com todos os argumentos citados pelos autores que trabalham e comentam a chegada de Artigas e a formação das comunidades, percebe-se que não há um consenso se os soldados do prócer uruguaio formaram as duas comunidades – Kamba Cua e Laurelty - ou apenas uma. Hoje, nas comunidades, as narrativas relatadas predominantemente se referem à história da chegada com Artigas, até porque está bem divulgada nas redes e textos que trabalham o tema no Paraguai. Contudo, em conversas com moradores mais antigos da comunidade Kamba Cua e ativistas paraguaios, as narrativas orais colocam que o nome Artigas começou a ser escutado com mais ênfase apenas a partir dos anos 1990 após articulações com associações do Uruguai - essa relação Paraguai e Uruguai será trabalhada na sequência.

Para interpretar dados e divergências das narrativas de diferentes comunidades, podemos utilizar o conceito de possibilidades de Portelli (1996) onde coloca que a história oral e as memórias não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias:

No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que *possa* suceder. E

é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada (PORTELLI, 1996, p.7 e 8).

Assim, o tema de formação dessas duas comunidades continua com controvérsias tanto baseado nos relatos escritos como nas narrativas orais.

2.1 Efeméride de 23 de setembro

LEY N° 5464

QUE DECLARA EL 23 DE SETIEMBRE DE CADA AÑO COMO DIA DE LA CULTURA AFROPARAGUAYA EL CONGRESO DELA NACION PARAGUAYA SANCIONA CON FUERZA DE LEY

Artículo 1°.- Declarar el día 23 de setiembre de cada año como Día de la Cultura Afroparaguaya.

Artículo 2°.- Comuníquese al Poder Ejecutivo.

Aprobado el Proyecto de Ley por la Honorable Cámara de Senadores, a los veintiocho días del mes de mayo del año dos mil quince, quedando sancionado el mismo, por la Honorable Cámara de Diputados, a quince días del mes de junio del año dos mil quince, de conformidad a lo dispuesto en el Artículo 204 de la Constitución Nacional. (REPÚBLICA DEL PARAGUAY, 2015, p. 1).

Conforme comentamos a partir de George Reid Andrews, Hector Decoud e Alfredo Romañach, o exílio de Artigas no país, acompanhado de seus soldados negros, teria sido um marco na formação da população afroparaguaia de Kamba Cua e/ou de Laurelty. O 23 de setembro combina, assim, a história das comunidades afrodescendentes diretamente envolvidas com a de um prócer reconhecido para além das fronteiras paraguaias, especialmente no Cone Sul.

A julgar por pesquisas realizadas em jornais virtuais paraguaios, nos primeiros anos após 2015, quando o “Dia da Cultura Afroparaguaia” foi aprovado, as comemorações parecem ter sido restritas às comunidades afrodescendentes do país. A partir de 2018 tivemos a participação da SNC em atividades do dia 23 de setembro. Na sequência relatamos alguns eventos realizados referente às atividades vinculadas ao “Dia da Cultura Afroparaguaia”.

O grupo San Baltasar organiza todos os anos atividades com a escola primária da comunidade e com estudantes de universidades próximas à comunidade. Além disso, promove palestras, troca de ideias com outras comunidades e trabalhos comunitários, ocasiões nas quais estimula o diálogo e o

debate sobre os desafios enfrentados pelos afroparaguaios. O grupo também divulga os saberes ancestrais, como os aportes culinários de seus antepassados, e convida a imprensa para que a população paraguaia os conheça e reconheça os valores das comunidades afrodescendentes para o Paraguai, como observamos na apresentação de Lourdes Diaz no Gramo²² - Py:

[...] Nuestras madres, nuestras abuelas ya estaban bailando en Kamba Cuá, probablemente en este teatro. Y nosotros lo que queremos hacer ahora es seguir perpetuando eso, pero a la vez que sea una herramienta para que nuestra comunidad pueda salir adelante. No queremos solo estar en las fotos con nuestras polleras, con nuestros tambores, nosotros queremos cambiar la situación de Kamba Cuá. Queremos calidad de vida porque se merecen, no queremos más, que nuestras madres, que tengamos abuelas que no saben leer y estamos trabajando en eso pero siempre desde nuestra principal herramienta, nuestro principal recurso, nuestras tradiciones, nuestras danzas. (DIAZ, 2015, s./p.)

Atividades programadas para as comemorações do 23 de setembro no ano de 2018 demonstram um perfil latino-americanista em torno da efeméride. De acordo com reportagem do jornal *ABC Color*, o maestro uruguaio Álvaro Salas, diretor da Escuela Mundo Afro de Uruguay, ministrou aulas de percussão na Escuela San Baltazar de Kamba Kua. As aulas foram dadas dentro do projeto Formación Afro desde el Tambor, inserido no Programa de Apoyo a Emprendimientos Culturales 2018 da Secretaría Nacional de Cultura. Além disso, as comemorações contaram com a participação do grupo afroboliviano Unión Juvenil Caporales, que veio da Bolívia especialmente para as comemorações (ABC COLOR, 23 abr. 2019, s./p.).

A programação da “Semana Afroparaguaia”, organizada pela Secretaria Nacional de Cultura (SNC) em 2019, sugere que o governo paraguaio começa a incorporar efetivamente alguns compromissos firmados com a Organização das Nações Unidas (ONU) – já mencionamos que, no ano anterior, a SNC tinha apoiado a Formación Afro desde el Tambor. De acordo com a programação disponível no site da SNC, a abertura da “Semana Afroparaguaia” em 2019 contou com conferência de Ignacio Telesca intitulada “Afrodescendientes en el Paraguay. La paradoja de una presencia/ausencia (negación)”. A programação incluía, ainda, a visita guiada “La ruta del esclavo”, a cargo da professora Margarita Durán. A visita visava contemplar

²² Gramo é um projeto que nasce em 2012, a partir do desejo de contar histórias, casos de êxito, testemunhos e ideias que geralmente não cabem nos meios de comunicação tradicionais.

espaços que marcaram o comércio e uso de escravizados na Asunción colonial. A rota incluía lugares bastante conhecidos e frequentados pelos assuncenos:

Plaza Uruguaya, ex rancherío de esclavos de los franciscanos; Congreso Nacional, ex rancherío de esclavos de los jesuitas; Hotel Guaraní, ex rancherío de esclavos de mercedarios; Iglesia San Francisco de Asís, donde se encuentra la imagen de la Virgen de la Merced, patrona de los libertos; y Loma Taruma. (SNC, 2019, s./p.).

No Archivo Nacional foi aberta a exposição “Invisibles. Pardos, negros, mulatas. La esclavitud en el Paraguay”. Em parceria com a Fundación Asunción, a SNC participou da organização dos Festejos de la Loma Taruma, em homenagem à Virgen de la Merced, padroeira dos libertos. A programação contou com “La cultura afroparaguaya: avances y posibles caminos” no Centro Comunitário Kamba Kuá, com conversas e atividades artísticas voltadas ao debate da atualidade da cultura afrodescendente no Paraguai. A programação em Kamba Cuá foi organizada pelo Grupo San Baltasar, pela Universidade Nacional de Asunción (UNA) e pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Todas as atividades da “Semana Afroparaguaya” foram livres e gratuitas e indicam uma diversidade de espaços e públicos.



Ilustração 8 – Divulgação da “Semana Afroparaguaya”

Na comunidade, durante todo o ano de 2019, estiveram conversando sobre os 200 anos de Kamba Cua. Iniciaram a programação das comemorações em janeiro com o Festival à San Baltasar, capacitações em grafite com jovens e realização de mural comemorativo na capela da comunidade. Foram contemplados com um pequeno projeto do Centro Cultural Juan de Salazar para realizar atividades comunitárias e o encerramento seria no dia 23 de setembro de 2020, mas, devido à pandemia, o foco no momento estava relacionado à assistência social com entrega de alimentos e materiais de primeira necessidade para a comunidade e auxílio em usos de tecnologia para cadastros de membros da comunidade nas plataformas de subsídio do governo relacionadas ao Covid-19. Além disso, foram realizadas algumas atividades de mostra virtual, gravadas na comunidade no mês de agosto de 2020.

Em outubro de 2021 iniciaram os preparativos para o Festival à San Baltasar de 2022. Matérias foram noticiadas nas redes sociais do grupo comentando que depois de um período atípico devido à pandemia, eles iniciam os preparativos com o principal objetivo de encaminhar a “Reativação Cultural Afroparaguáia”. E citam que, “Por intercessão de San Baltasar”, tudo ocorrerá. Comentam também que o evento já conta com o selo de “Cultura Segura” emitido pela SNC, como habilitação sanitária com o aval do Ministério da Saúde.

A efeméride de 23 de setembro é considerada como uma data que marca um fato importante e merece ser lembrada e comemorada. Para o grupo San Baltasar, o dia 23 de setembro como “Dia da Cultura Afroparaguáia” marca as suas origens, o seu legado histórico-cultural e as demais contribuições das comunidades afrodescendentes à sociedade paraguáia. Conforme Lourdes Diaz, liderança da comunidade:

Es una fecha que conmemoramos el origen, la contribucion, el legado y los desafios que tenemos todas las Comunidades Afroparaguayas, es tambien como un proceso de aprendizajes para los niños de Kamba Cua a través de los trabajos en la Escuela de la Comunidad, porque son los niños quienes van a seguir perpetuando nuestra cultura y nuestra lucha por los DD.HH. de la población afrodescendiente. (DIAZ, 2020, s.p.)

Percebe-se na entrevista com a líder comunitária do grupo San Baltasar, Lourdes Diaz, que o processo de criação da data foi organizado por membros do

grupo com o objetivo principal de visibilizar as comunidades afrodescendentes por meio da lei. Foram organizadas reuniões na comunidade e com o apoio de Silvia Diaz de Moore, irmã de Lourdes, advogada e membro do grupo San Baltasar, e da Senadora Nacional Blanca Fonseca, do Partido Liberal, o projeto foi apresentado à Câmara de Senadores e aprovado. A declaração da lei 5464/15 foi o instrumento oficial de partida para a busca de novos instrumentos para o reconhecimento da população afroparaguaia. Um desses instrumentos é o projeto de lei em curso e em discussão que reconhece os afroparaguaios como minoria étnica:

La Ley 5464/2015 actualmente forma parte de los antecedentes, del Anteproyecto de Ley Afroparaguaya “Que reconoce a la Población Afrodescendiente del Paraguay como una minoría étnica e incorpora el legado de las comunidades afrodescendientes en la historia, su participación y aportes en la conformación de la Nación en sus diversas expresiones culturales” que está en estudio en la Cámara de Senadores. (DIAZ, 2020, s./p.).

Em relação à justificativa de escolherem o dia 23 de setembro para a efeméride, o Grupo San Baltasar se considera como a primeira comunidade afroparaguaia a organizar-se oficialmente no ativismo e luta dos direitos humanos dos afroparaguaios, em conjunto com a OMA do Uruguai, os quais se unem em torno do nome do general José Gervásio Artigas. Assim, à referida tradição oral existente na comunidade se soma a parceria com um grupo afrouruguaio e, vale ressaltar, Artigas é considerado o principal prócer do Uruguai, responsável pela independência do país.

Para imortalizar de alguma forma esse ato, consideram o 23 de setembro, dia de falecimento oficial do General José Gervásio Artigas, uma forma de recordar de onde vieram e de valorizar a herança de seus antepassados. Essa importância da efeméride está relacionada com a questão da memória da chegada de seus antepassados ao Paraguai e sua história de luta para se manterem por meio da cultura e tradições.

Ao ser questionada se tiveram outras propostas de datas, Lourdes coloca que, anteriormente, nunca tinha escutado outras iniciativas. Contudo, após aprovada a lei, tiveram reclamações de outras organizações e outras comunidades afroparaguaias, assim como da própria comunidade Kamba Cua. Porém, segundo

Lourdes, as pessoas que reclamaram nunca apresentaram formalmente outras ideias. Após as reclamações na comunidade, realizaram uma reflexão e, para Kamba Cua e, em especial, o Grupo San Baltasar, o dia 23 de setembro é muito importante, mas se tivessem outras propostas com outras datas também seriam bem vindas, pois o que importa é que exista um Dia da Cultura Afroparaguaia como forma de reconhecimento da existência dos afroparaguaios no país, argumentou Lourdes.

Na mesma comunidade, no grupo de dança Tradicional de Kamba Cua, temos Benito Medina como líder comunitário e representante afrodescendente na SNC. Para esse grupo, a data do dia 23 de setembro foi apresentada de forma individual pelo grupo San Baltasar, sem consultar as outras comunidades afrodescendentes²³.

Ao questionar o líder do GTKC sobre o motivo de não concordar com a data, pois não se sente representado por ela, e o motivo pelo qual não teria apresentado outra proposta de data, ele responde que irá apresentar ao Congresso Nacional a data de 25 de julho, data de nascimento de Santiago Medina, que foi um destacado afrodescendente que fundou o GTKC e com o qual o grupo se sentiria mais identificado. Assim, Medina comenta que não participam das atividades propostas para o dia 23 de setembro, pois não se identificam com a data, mas destaca que possuem uma boa relação com a SNC, com a qual desenvolvem trabalhos conjuntos.

Outra questão levantada e presente nas narrativas do GSB se refere ao patriarcado, pois enquanto a figura masculina esteve presente nas lideranças, não teriam existido nem sequer propostas de datas para um dia que representasse os afroparaguaios - e as afroparaguaias. Ao criar o GSB, este foi e é até o momento liderado pela figura feminina como protagonista, assim como o projeto de lei da Declaração do Dia da Cultura Afroparaguaia foi elaborado e levado ao Congresso por mulheres.

²³ Medina acredita que o GSB escolheu essa data pensando no nascimento ou no falecimento de Artigas, pois ressalta que no projeto de lei há um equívoco quando diz que a data é em homenagem ao natalício de Artigas; porém, o mesmo nasceu em julho. Assim, o correto é que a data se refere ao seu falecimento.

2.2 O papel das mulheres na luta afroparaguaia

O debate em torno de narrativas históricas favorecem e visibilizam alguns grupos e silenciam outros. É possível partir da premissa de que o silenciamento das mulheres vem do contexto histórico colonial onde a figura masculina era a protagonista dos principais acontecimentos. As lutas pela igualdade de direitos e valorização da mulher em espaços de poder e tomadas de decisões sempre foram pautadas por conflitos e resistências.

Ao analisarmos as condições do patriarcado²⁴ e as condições impostas às mulheres é possível notar sua invisibilidade e silenciamento em vários âmbitos da sociedade, em especial no que diz respeito à tomada de decisões políticas, mercado de trabalho e educação. Normalmente as atividades histórica e culturalmente atribuídas às mulheres, no Ocidente, se referem aos cuidados com a casa e com os filhos e as que trabalham fora geralmente são vinculadas ao trabalho doméstico e a profissões que representam o “cuidado” típico da “natureza feminina”, como a enfermagem e o magistério.

As narrativas a partir de fontes oficiais inviabilizam e silenciam as ações realizadas por mulheres. Assim, o Grupo San Baltasar de Kamba Cua, liderado pela figura feminina de Lourdes Diaz, nos faz pensar que apesar dessas narrativas e discursos oficiais é possível encontrar ações protagonizadas por mulheres em forma de resistência. Vamos apresentar a trajetória de Lourdes de Diaz como protagonista do processo de criação da efeméride de 23 de setembro como o Dia da Cultura Afroparaguaia, assim como a parceria e visibilização de outras mulheres na comunidade.

Lourdes Fátima Diaz Chávez, de nacionalidade paraguaia, nasceu em Assunção no dia 10 de dezembro de 1975 e reside no Município de Fernando de La Mora, região metropolitana de Assunção. É formada em Ciências Econômicas na Universidade Nacional de Assunção e exerce o cargo de contadora pública.

É líder comunitária na comunidade Kamba Cua e trabalha o ativismo pela visibilização de sua cultura e tradições. Seu ativismo também é centrado na

²⁴ Segundo Safiotti (2015), patriarcado é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens (p.44).

promoção da mulher afro. Participou de várias ações na comunidade como sócia fundadora da primeira Associação Afrodescendente do Paraguai, organizada em 2012. É gestora e promotora cultural do Festival San Baltasar de Kamba Cua e sócia fundadora da Associação Grupo Tradicional San Baltasar de Kamba Cua. Conforme já indicado, tem participações na plataforma Gramo, espaço de conversas e narrativas não contempladas pelos meios hegemônicos. É figura central na promoção do Decênio Internacional dos Afrodescendentes (Declaração 308/2015), sobre o qual falaremos a seguir. Conforme citado, teve papel fundamental no projeto de lei que declara o 23 de setembro de cada ano como o Dia da Cultura Afroparaguaia (Lei 5464/2015). Participa da coordenação da Jornada de Afrodescendentes desde 2015 e é representante comunitária na mesa técnica da Secretaria Nacional de Cultura envolvida na preparação da lei que reconhece os afroparaguaios como minoria étnica.

Com a criação do grupo San Baltasar em 2012, as mulheres do grupo passaram a assumir o protagonismo nas lutas reivindicatórias por reconhecimento da população afrodescendente. Podemos perceber esse processo na fala de Lourdes Diaz para o programa Gramo no Paraguai:

Hay un punto resaltante, en este grupo estamos rompiendo paradigmas, anteriormente los hombres se encargaban de construir los tambores. Ahora tenemos una artesana en nuestro grupo. Es una mujer la que se encarga de confeccionar los tambores, arreglar todos estos tambores y construir con su pareja. (DIAZ, 2015, s./p.).

Dominga Medina é a mulher responsável por confeccionar tambores na comunidade de Kamba Cua e se sente muito gratificada em desenvolver essa atividade na comunidade.

Uma das maiores dificuldades encontradas por Lourdes quando começou a trabalhar pela comunidade Kamba Cua foram as críticas que vinham de todos os lados, até mesmo de outras mulheres da própria comunidade. Antes de sua participação ativa na comunidade, os projetos comunitários eram encabeçados por homens. Sua intenção não era somente focar nas danças e tambores e sim utilizá-los como ferramentas para desenvolver a comunidade e melhorar a qualidade de vida.

Desde sua juventude sempre teve a intenção de desenvolver ações comunitárias, mas sempre era negada a participar. Assim que se tornou adulta começou a desenvolver projetos comunitários, colocá-los no papel e enfrentar muitos desafios para alcançar seus objetivos.

Para isso teve que fechar seus olhos e ouvidos para as críticas e começou a trabalhar pela coletividade. Lourdes enfatiza que conquistar essas mudanças como mulher custa muito, pois é mãe de duas filhas, é profissional, trabalha em casa e precisa cuidar de tudo com muitos detalhes. Considera que muitas vezes os trabalhos das mulheres são subvalorizados e custam quatro vezes mais esforços do que quando realizados pela figura masculina, mas esse fato nunca a impediu de continuar com garra e dedicação, pois sempre quis fazer esse tipo de trabalho comunitário. Sempre percebeu que havia formas de conseguir mudanças para a comunidade, mas faltava essa conexão, essa ferramenta que era o trabalho de uma mulher, o trabalho de colocar a ideia no papel e solicitar a algum órgão que auxiliasse no desenvolvimento de ações para o bem da comunidade.

2.3 Relação Paraguai e Uruguai

Há uma tensão a ser considerada. É inegável a relação dos afroparaguaios ou, pelo menos, de parte expressiva dessa população, com o nome de Artigas, o que dimensiona a sua história e cultura para além das fronteiras paraguaias. Artigas também é representativo para as comunidade afroparaguaias e para Kamba Cua e Laurely em particular, pois os soldados negros que lhe acompanharam ao Paraguai foram libertos pelo prócer uruguaio por lutarem ao seu lado pela libertação da América – o que é inclusive destacado pelo projeto de lei de criação do 23 de setembro. De qualquer maneira, chama a atenção que o “Dia da Cultura Afroparaguaia” seja o 23 de setembro, dia da morte de Artigas, como se a comunidade afro do país dependesse de um nome já consagrado dentro²⁵ e fora do

²⁵ Asunción conta com o “Solar Artigas”, localizado na entrada do Jardim Botânico, o qual foi residência do uruguaio durante seu exílio em Asunción, mais precisamente nos seus últimos cinco anos de vida, a avenida que se encontra a escola também leva o nome de Artigas. No “Solar Artigas” funciona uma escola pública uruguaia – a única fora do país – e o “Museo Artigas Karai Guasu” (Museu Artigas Grande Senhor em tradução literal do espanhol e guarani). O local foi doado pelo

Paraguai para ser (re)conhecida, ainda que essa escolha convirja com a tradição oral a respeito da formação de comunidades como Kamba Cua e Laurelty. Não é algo que caracteriza apenas a sua dimensão latino-americanista, mas o próprio cunho *nacional* dado à data – Dia da Cultura *Afroparaguaia* –, como se fosse imprescindível a chancela do Estado Nacional para o (re)conhecimento dessas populações. O projeto de lei trazia consigo essa tensão entre as experiências particulares das comunidades afrodescendentes e as suas dimensões nacional e internacional:

(...) hoy las comunidades afrodescendientes se encuentran en las localidades de Emboscada “Pardos Libres”, Fernando de la Mora “Kamba Cua”, San Lorenzo “Laurelty”, y Paraguarí Kamba Kokue, manteniendo cada grupo *su cultura* en la danza, elaborando instrumentos musicales, celebrando sus festividades a través de los años y *reconocidos a nivel nacional e internacional* nuestras comunidades.

Los afrodescendientes han tenido notables e innumerables éxitos y reconocimientos *a nivel nacional como de los Ministerios de Educación, de Cultura, de Turismo, así como de la Gobernación de Central y de diferentes municipios* por continuar con nuestra festividad, construyendo nuestros propios tambores, y nuestra [sic] constantes actividades de formación de más jóvenes líderes dentro de la comunidad [grifos meus]. (CONGRESO NACIONAL; H. CÁMARA DE DIPUTADOS, 2015, s.p.)

Essa ambivalência dos “lugares de memória” é desenvolvida por Pierre Nora. “Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis.” (NORA, 1993, p. 13). Sua (re)incorporação à História tem um preço: são apoderados por ela, o que faz com que os “lugares de memória” existam a partir das referências ditadas e já canonizadas pelo conhecimento histórico - como o nome de Artigas. Nora emprega uma bela metáfora para explicar a ambivalência dos “lugares de memória”, os quais representariam “Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva.” (NORA, 1993, p. 13).

Sem discordar da pertinência do questionamento apontado por Nora, é necessário considerar, também, a capacidade dos sujeitos e grupos de se *apropriarem* das referências ditadas e já canonizadas pela História ao

governo paraguaio ao uruguaio em 1903, como gesto de gratidão pela devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança que estavam em poder dos uruguaio. Cf. Ceip (2016).

estabelecerem os seus “lugares de memória”. A apropriação leva à atribuição de novos sentidos e pode, inclusive, subverter essas referências. Nesse sentido, preferimos analisar a atuação das comunidades afroparaguaias - e especialmente de Kamba Cua - em torno da criação do 23 de setembro como uma tática, a exemplo do que compreende Michel de Certeau:

(...) chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é *movimento* “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Bullow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. *Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende*, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. *Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia* [grifos meus]. (DE CERTEAU, 2012, p. 94-95).

E quais seriam algumas dessas “ocasiões” e “falhas” de que nos fala de Certeau? Além da abertura representada pela queda da ditadura em 1989 e de processos favoráveis à renovação de estudos históricos e visibilidade de minorias como o Bicentenário comemorado em 2011, fatores externos têm contribuído para o (re)conhecimento das populações afrodescendentes no Paraguai e em outros países da América Latina, como veremos na próxima seção relacionada aos instrumentos oficiais em busca de reconhecimento.

Conforme defende Maria Aparecida de Oliveira Lopes em seu estudo sobre o Brasil, as efemérides funcionam como “vitrines para reivindicação e exposição da história do negro” (LOPES, 2007, p. 59-79), a despeito das divergências e dos diferentes significados em torno das datas. Cabe assinalar que o estabelecimento dessa “vitrine” pelo Estado paraguaio em torno do 23 de setembro não é o início, tampouco o ponto culminante do processo de afirmação dos afroparaguaios. A conquista de cidadania enquanto afroparaguaios é simultaneamente consequência e causa do processo. Consequência, pois faz parte de um processo anterior, que não

tinha - e ainda não tem - necessariamente o reconhecimento oficial como principal objetivo. Maria Aparecida de Oliveira Lopes destaca que, no Brasil, a formação de espaços de sociabilidade acompanhou a história do negro, independentemente da conquista de cidadania:

A ausência de cidadania não impediu que surgissem estratégias de sobrevivência em lugares onde os negros construíram seus próprios territórios de liberdade. Estes espaços se transformaram em lugares privilegiados de elaboração e preservação da memória negra e, conseqüentemente, de luta pelo reconhecimento social. Em várias regiões do país surgiram associações, entidades e clubes formados pela população negra (...). (LOPES, 2015, s./p.).

Contudo, também é causa do processo, pois o reconhecimento oficial colabora para a afirmação dos afroparaguaios na medida em que ajuda a envolver nessa história, principalmente, sujeitos e grupos que não vivem em comunidades que se autoidentificam como afroparaguaios, mas que tampouco se sentem identificados com os elementos tradicionalmente relacionados à identidade paraguaia. Conforme destacam Aneide Carvalho e Eduardo Bonzatto, o caráter endógeno da comunidade de Kamba Cua começou a se desfazer a partir da década de 1940, quando os governos paraguaios começaram a avançar sobre as suas terras. Segundo os autores, além da construção da Faculdade de Medicina, o avanço sobre as terras decorreu da política de branqueamento do período, a qual estimulava a união inter-racial. “Parte importante [da comunidade] acabou se dispersando em busca de trabalho quando a terra lhes foi tirada.” (CARVALHO; BONZATTO, 1 jan. 2020, s./p.)²⁶

2.4 Em busca de reconhecimento da população afroparaguaia

Os Estados se deparam com o debate da igualdade e da diferença, o que gera demandas e lutas culturais constantes. Com o capitalismo e a globalização, acreditava-se em uma tendência de homogeneização, especialmente no imediato

²⁶ Esse processo de perda de grande parte das terras de Kamba Cuá e o processo de negociação para a recuperação deste território envolveu os líderes da comunidade que fundaram a Rede Paraguaia de Afrodescendentes, pessoas que detinham o título de propriedade e o Estado (município de Fernando de la Mora). Para saber mais sobre o tema, cf SILVA, 2013, p. 12.

pós-Guerra Fria, na década de 1990. Contudo, os grupos minoritários colocaram as suas demandas em pauta e buscaram o reconhecimento para conter as tendências homogeneizantes.

A relação da comunidade com o Estado é marcada por convergências, divergências e pressões. Conforme publicado pelo Observatório Zoom²⁷, o GSB dirigiu um texto ao Ministério de Educação e Ciências do Paraguai (MEC), no qual questionava o Ministério sobre o seu real interesse pela diversidade e pelo legado afrodescendente e como esses temas eram trabalhados desde as ciências sociais no âmbito escolar. A resposta do MEC foi a seguinte:

“La implementación actual es de modelo tipo funcional, plantea la homogeneización cultural, la cultura nacional sobre la cultura afroparaguaya, por ello, se reconoce la necesidad de visibilizar las comunidades afrodescendientes en sus particularidades y el desafío de trabajar por el fortalecimiento de su identidad desde su ámbito escolar”. (ZOOM, 2019, s./p.).

Assim, as comunidades afrodescendentes continuam lutando por estratégias e reconhecimento no país. Reconhecem o interesse do MEC, mas sem o apoio necessário, e acreditam que devem fortalecer as identidades e elaborar projetos para preservação de suas identidades.

As políticas públicas podem ser consideradas como mecanismos do Estado com o objetivo de assegurar determinado direito para um grupo, normalmente por meio de leis. Percebemos que a criação de leis de reconhecimento está inserida em uma série de acordos assinados em convenções internacionais, nas quais os países ficam responsáveis por criarem políticas que busquem reconhecer a diversidade dos grupos minoritários e essas políticas podem ser um instrumento para as lutas locais e de uso estratégico contra as forças do capitalismo e do “desenvolvimento”. Segundo Silva, as identidades “(...) não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas”. (SILVA, 2000, p. 84).

Em 2008, o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) iniciou o projeto “População Afrodescendente da América Latina” com o propósito de

²⁷ Observatório para o monitoramento de políticas públicas de grupos invisibilizados: povos indígenas, comunidades afroparaguaias e pessoas com deficiência.

ampliar o conhecimento sobre essa população em termos demográficos, sociais e culturais. Para os organizadores do projeto, o desconhecimento potencializa a exclusão sócio-econômica dos afrodescendentes na região. Conforme analisa Paulo Renato da Silva:

Se por um lado uma pesquisa tão recente como esta indica o quanto as populações afrodescendentes ainda são desconhecidas na América Latina, por outro, o seu desenvolvimento demonstra que existe uma demanda por (re)conhecimento dessas populações. (SILVA, 2011, p. 16).

Além da pesquisa do PNUD, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas aprovou em 2013 que o período compreendido entre 2015 e 2024 seria o já citado “Decênio Internacional dos Afrodescendentes”.

Estruturado em três pilares principais – Reconhecimento, Justiça e Desenvolvimento –, o objetivo principal do Decênio “(...) é promover o respeito, a proteção e a concretização de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais da população afrodescendente, conforme reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos.” (ONU, s./d., p. 8). A ONU associa esse objetivo a um maior conhecimento sobre as populações afrodescendentes e o Decênio tem entre seus propósitos a “(...) promoção de maior conhecimento e respeito em relação ao seu legado, cultura e contribuição diversificados para o desenvolvimento das sociedades.” (ONU, s./d., p. 8).

Questões referentes à memória das populações afrodescendentes pautam os objetivos e ações do Decênio. Dentre as “medidas a serem [sic] tomadas pela comunidade internacional e organizações internacionais e regionais”, está a de “apoiar iniciativas e projetos que visem honrar e preservar a memória histórica da população afrodescendente.” (ONU, s./d., p. 20). No âmbito do “Reconhecimento”, um dos três principais pilares do Decênio, caberia reconhecer:

(...) as vítimas e seus descendentes através do estabelecimento de memoriais em países que se beneficiaram e/ ou foram responsáveis pela escravidão, pelo tráfico de escravos, pelo comércio transatlântico de escravos e pelo colonialismo e tragédias passadas, nos quais não há nenhum, como também nos pontos de partida, chegada e realocação, protegendo os locais culturais relacionados a isso. (ONU, s./d., p. 12).

A ONU destaca que a intenção é “(...) honrar a memória das vítimas dessas

tragédias (...)” para “reconciliar” países e sociedades – inclusive internamente – e “cicatrizando” as feridas deixadas pelo processo de escravidão, preconceito e exclusão (ONU, s./d., p.13). A entidade exalta países que já tinham expressado arrependimento, remorso ou se desculparam e estimula os demais a seguir o mesmo caminho. A estratégia da “reconciliação” e da “cicatrização”, no âmbito de políticas de reparação, despertam críticas por defenderem, de um modo geral, a necessidade de “virar a página” e por envolverem negociações e concessões entre os sujeitos e grupos envolvidos. Por outro lado, dada a complexidade da composição dos membros da ONU, parece ter sido uma estratégia bem-sucedida para a aprovação do Decênio pela Assembleia do órgão.

O projeto de lei sobre a criação do “Dia da Cultura Afroparaguáia” reconhecia explicitamente a relação da proposta com o Decênio Internacional dos Afrodescendentes aprovado pela ONU:

(...) el presente Proyecto tiene como finalidad: el reconocimiento de la diversidad cultural en el marco [de la] proclamación del Decenio Internacional de los Afrodescendientes 2015-2024. Resolución N° 68/237 aprobada por la Asamblea General de las Naciones Unidas el 23 de diciembre de 2013. (CONGRESO NACIONAL; H. CÁMARA DE DIPUTADOS, 2015, s./p.).

Nos anos de 2018 e 2019, a SNC coordenou os trabalhos para formar uma mesa com representantes de todas as comunidades afrodescendentes organizadas oficialmente para a elaboração do já citado anteprojeto de lei que reconhece os afrodescendentes do Paraguai como minoria étnica, o qual atualmente está em estudo. O anteprojeto tem como objetivo incorporar o legado das comunidades afrodescendentes na história, sua participação e aportes na formação da nação, em diversas expressões culturais. O anteprojeto também pretende garantir o desenvolvimento de políticas públicas específicas para os afroparaguaios. Em entrevista ao jornal *Última Hora* em 2018, Guido Medina, secretário da Asociación Grupo Tradicional Kamba Cua e da Red Paraguaya de Afrodescendientes, declarou que a proposta de lei teve início em 2000, mas não avançou por “falta de interesse estatal”. (ÚLTIMA HORA, 17 nov. 2018, s./p.). Além disso, Medina deu como exemplos de políticas públicas que poderiam ser impulsionadas pela lei a concessão

de bolsas para estudantes universitários afroparaguaios e cotas no funcionalismo público. Também cita o Decênio Internacional Afrodescendente como favorável para a implementação de políticas públicas:

Este anteproyecto que es impulsado por la Asociación Grupo Tradicional Kamba Cua y la Red Paraguaya de Afrodescendientes es encarado en el marco del Decenio Internacional para los Afrodescendientes, de la Naciones Unidas, que sostiene que todos los países miembros deben implementar por 10 años políticas en favor de estos sectores. Comenzó el 1 de diciembre de 2015 y va hasta el 31 de diciembre de 2024. **“Para nosotros sería importantísimo que después de tantos años podamos reivindicar a nuestros ancestros (...), porque el Estado paraguayo estaría afirmando que tiene una población afrodescendiente”**, concluyó Guido Medina (ULTIMAHORA, 2018, s./p).

O Projeto de Lei entrou em estudo no Congresso Nacional do Paraguai em 19 novembro de 2019:

Proyecto de Ley “Que reconoce a la población afrodescendiente del Paraguay como una minoría étnica, e incorpora el legado de las comunidades afrodescendientes en la historia, su participación y aportes en la conformación de la nación, en sus diversas expresiones culturales (arte, filosofía, saberes, costumbres, tradiciones y valores)”, presentado por el Senador Blas Llano, de fecha 19 de noviembre de 2019. (CONGRESO NACIONAL; H. CÁMARA DE SENADORES, 2019, p.4).

O projeto de lei encaminhado ao Congresso, em sua primeira versão, era composto por doze artigos que tratavam de forma geral do reconhecimento do afrodescendente, estabelecimento de mecanismos de prevenção e sanção ao racismo e discriminação das comunidades, elaboração de um plano de promoção, fomento e proteção dos direitos humanos, incorporação do legado das tradições afroparaguaias na nação e ações afirmativas. Todos os artigos estavam embasados nas necessidades da população afroparaguaias e foram discutidos por representantes das comunidades afrodescendentes na mesa técnica criada pela SNC para esse objetivo.

Em notícia veiculada no jornal *Última Hora*, foi divulgado que a Câmara dos Deputados rejeitou o projeto de lei que estabelece mecanismos e procedimentos para prevenir e punir atos de racismo e discriminação contra afrodescendentes. A proposta legislativa retornou ao Senado, onde tinha sido parcialmente aprovada no dia 15 de julho de 2021. A Rede Paraguaia de Afrodescendentes coloca o

comunicado: "Repudiamos la medida adoptada por nuestros representantes de la Nación en la Cámara de Diputados al rechazo del anteproyecto de ley" (ÚLTIMA HORA, 14 out. 2021, s./p.). Ainda na mesma matéria a RPA vê com preocupação "o ataque perverso" dos deputados colorados Raúl Latorre e Walter Harms, dos liberais Eusebio Alvarenga e Carlos María López e do independente Jorge Brítez.

A comissão de equidade social - representada na Câmara por Rocio Abed Zacarias, deputada nacional pelo departamento de Alto Paraná -, após analisar o projeto, considerou que não existe racismo no país e nem discriminação com a população afrodescendente, assim não precisaria ser aprovada uma lei para prevenir e punir esses atos e finalizou sugerindo que a lei até poderia ser aprovada, mas com alterações. O vídeo²⁸ da sessão plenária com o discurso de cada deputado encontra-se disponível nas redes sociais da Red Paraguaya de Afrodescendientes.

A população afrodescendente coloca em seus comunicados de repúdio que na própria sessão plenária sofreram ações racistas e de discriminação e que irão continuar lutando por seus direitos para que sejam reconhecidos e visibilizados.

Apesar desse retrocesso representado pelo Legislativo, a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) adotou em 16 de dezembro de 2020 a resolução (75/170) apresentada pela Costa Rica e apoiada por 52 países, entre eles o Paraguai, para declarar o dia 31 de agosto como o Dia Internacional das Pessoas Afrodescendentes, o que aprofunda a busca de instrumentos oficiais para o reconhecimento dos afrodescendentes:

Decide proclamar el 31 de agosto Día Internacional de los Afrodescendientes, a fin de promover un mayor reconocimiento y respeto de la diversidad del legado, la cultura y la contribución de los afrodescendientes al desarrollo de las sociedades, así como de promover el respeto de los derechos humanos y las libertades fundamentales de los afrodescendientes(ONU, 2020, s.p).

Essa declaração marca os 100 anos da Declaração dos Direitos dos Povos Negros no Mundo e foi anunciada pela vice-presidenta da Costa Rica, Epsy Campbell Barr, para celebrar as contribuições dos afrodescendentes e das diásporas

²⁸ O vídeo está disponível no facebook da Red Paraguaya de Afrodescendientes:
<https://www.facebook.com/RedParaguayadeAfrodescendientes/videos/598106357872305>

ao redor do mundo e reconhecer suas lutas para combater todas as formas de racismo e discriminação racial.

Esta propuesta presentada por Costa Rica y que ha tenido el apoyo de la Asamblea General de la ONU busca hacer justicia a las luchas, esperanzas y resistencias de las personas afrodescendientes de todo el mundo, trayendo a la luz este hito en un contexto de creciente movilización por la justicia racial, la igualdad y la no discriminación.(Campbell, 2021, s./p).

Um dos principais antecedentes da criação dessa efeméride foi o Decênio Internacional dos Afrodescendentes, proclamado em 2015 pela ONU.

No Paraguai, com o objetivo de reconhecer as comunidades afrodescendentes e contribuir para estabelecer um espaço de diálogo e colaboração com autoridades nacionais e internacionais, foi comemorado o Dia Internacional das Pessoas Afrodescendentes na cidade de Emboscada. Participaram do evento Humberto López - Diretor Geral da Secretaria Nacional de Cultura -, José Carlos Medina e Fátima Zaracho - Integrantes da Rede Paraguaia de Afrodescendentes (RPA) -, Alicia Agüero - Prefeita da Cidade de Emboscada -, Johanna Villalobos - Conselheira Interina da Embaixada dos Estados Unidos -, Mario Samaja - Coordenador residente da ONU no Paraguai -, Rocío Galiano Marés - Representante do Fundo das Nações Unidas (UNFPA) e Humberto López - Secretário geral da Secretaria Nacional de Cultura (SNC).

Entre as atividades do evento, Fátima Zaracho da RPA apresentou o reconhecimento e conquista dos direitos dos afrodescendentes no Paraguai como um desafio de inclusão e crescimento:

Porque el Estado paraguayo reconoce fehacientemente a la población afrodescendiente como parte de la nación, por su histórica contribución, que siempre ha sido omitida. Frente a esto, nosotros estamos construyendo un proceso de autoidentificación.(ZARACHO, 2021, s.p).

Representantes das Comunidades de Emboscada como Patrício Zarate, e de Fernando de La Mora como Guido Medina, colocaram suas posições como afrodescendentes, exigindo o reconhecimento de seus direitos e aportes na

sociedade paraguaia. Enfatizaram o projeto de lei de reconhecimento da população afroparaguaia que estava tramitando na Câmara de Senadores e os pontos que foram alterados na aprovação parcial em julho, em especial ações afirmativas e relacionadas à saúde, sendo dois importantes temas pelos quais continuariam lutando para constar no documento, para que os seus direitos fossem reconhecidos e preservados. Conforme colocado anteriormente, em outubro o projeto de lei passou pela Câmara de Deputados e não foi aprovado, retornando para a fase de estudos no Congresso.

Na sequência, apresentamos dois eventos virtuais ocorridos em 2020 com a participação da SNC. Esses eventos foram voltados à população afrodescendente do Paraguai e às iniciativas que estariam sendo desenvolvidas pela SNC em favor dessa população. Muitos dos pontos abordados foram relatados no decorrer dos capítulos. Contudo, os relatos abaixo visam sintetizar ações e explicitar a posição de representantes do governo paraguaio frente ao tema dos afrodescendentes.

Em 2020, no mês de maio, foi realizado o evento virtual intitulado “Balance de los cinco años de implementación del Decenio Internacional para los Afrodescendientes y su impacto en la cultura”, realizado pelo Ministério de Cultura da Colômbia, com a participação dos Ministros de Cultura da Costa Rica, Panamá, Paraguai e Colômbia. As apresentações dos países foram desenvolvidas em torno de duas perguntas chaves: Quais são os grandes avanços no fortalecimento do setor cultural em seu país após os primeiros cinco anos da Declaração do Decênio [pela ONU] e quais são os desafios do Decênio Afrodescendente no próximo quinquênio? Com a análise da fala do Ministro de Cultura do Paraguai é possível verificar a visão da SNC em ações relacionadas ao tema afrodescendente e traçar convergências e também divergências com as entrevistas dos integrantes das comunidades afrodescendentes e registros historiográficos já citados anteriormente.

O atual Ministro de Cultura do Paraguai, Ruben Capdevila, inicia comentando que a atual situação dos países (Covid-19) atinge diretamente o setor cultural e faz um percurso histórico dizendo que, até o ano de 2007, o termo afrodescendentes ou afroparaguaios, como está sendo abordado no país, era usado somente em temas de investigação histórica. Reconhece a importância dos afrodescendentes no país, inclusive antes da formação do Estado do Paraguai. Cita a formação da Associação

Afroparaguaia de Kamba Cua (AAPKC) e o censo desenvolvido em 2007:

En el año 2007, la Asociación Afroparaguaya Kamba Cuá (AAPKC), organizó un censo. De hecho, se trata del único censo de población de las tres comunidades afro conocidas en Paraguay: Kamba Kuá, a las afueras de Asunción, Kamba Kokué, en las afueras de Paraguarí, y en la ciudad de Emboscada. Para realizar el censo contaron con el apoyo de la Fundación Interamericana de los Estados Unidos, de Mundo Afro de Uruguay y de la Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos. (CAPDEVILA, 2020,s./p.)

Menciona também a criação da SNC em 2007 pela Ley Nacional de Cultura N° 3051/06 como uma ação importante do Estado paraguaio. A lei de criação da SNC inclusive indica entre os seus propósitos o cumprimento de tratados internacionais:

Artículo 1º.- La presente Ley se basa en los principios, las garantías y las declaraciones constitucionales que consagran los derechos culturales, así como en los Tratados Internacionales que reconocen tales derechos, como derechos humanos. (REPÚBLICA DEL PARAGUAY, 2006, p. 1).

Relaciona, ainda, a política de promoção da diversidade cultural do país, em 2011, com as atividades desenvolvidas em comemoração ao bicentenário do país, quando a SNC ganhou mais força.

A partir de 2015, destaca que a política de diversidade cultural é fortalecida e incorpora os afrodescendentes como um dos pilares mais importantes. Em 2016, menciona que é impulsionada a campanha de difusão dos direitos dos povos afrodescendentes e afroparaguaios no país, quando teve início a Campanha Nacional de Promoção da Diversidade sob o lema: “Soy diferente, soy paraguayo, soy paraguaya. Opa teko jopara ári, opavave paraguajo, opavave paraguaya”. Foram iniciadas conversas com historiadores, incluíram um representante afrodescendente na Secretaria de Cultura²⁹ e desenvolveram campanha comunicacional e informativa nos meios radiais:

²⁹ O já citado Benito Medina, do Grupo Tradicional de Kamba Cua, foi o escolhido como conselheiro afrodescendente da SNC.



Ilustração 9 – Divulgação da “Campaña de la Diversidad Cultural”

Sobre 2018, comenta a criação da mesa técnica afrodescendente com o objetivo de criar a lei de reconhecimento dos afrodescendentes como minoria étnica e reconhecer seus direitos.

Como desafio para os próximos 5 anos, Ruben Capdevilla cita o tratamento no Congresso Nacional da lei que reconhece os afrodescendentes como minoria étnica e demonstra certa preocupação em relação ao tempo que pode levar até a aprovação, não citando estimativas. Reforça que, para a implementação dessa lei, a SNC necessita de apoio para articular com todas as instituições a implantação efetiva de políticas públicas que garantam direitos. Coloca que é a primeira lei no país que atua contra formas de discriminação racial e que terão muitos desafios para sua implementação – não citando quais seriam esses desafios. Sugere a criação de um plano nacional de proteção dos direitos humanos dos afroparaguaios e a necessidade de fortalecer as estatísticas (censos), pois, com melhores indicadores, é possível ter uma base de dados sólida com o objetivo de criar políticas públicas

consistentes, visibilizar outras populações afrodescendentes no país e fortalecer as organizações e associações culturais, pois considera que foi a partir do GTKC que iniciou a visibilização dos afroparaguaios. Durante sua apresentação, em meio aos comentários, identificamos palavras de Lourdes Diaz, liderança do GSB, citando a importância da lei que em 2019 estava em estudo no Congresso:

La aprobación e implementación de la Ley Afrodescendiente en Paraguay es de suma importancia para llegar a todos los colectivos y/o Comunidad Afroparaguayas para tener registros y datos estadísticos que mejoren la calidad de vida de las Comunidades (Diaz, 2020, s./p.)

Essa expectativa de Lourdes retrata a necessidade das comunidades afrodescendentes em terem uma melhor qualidade de vida .

Continuando nas atividades realizadas pela SNC, também em 2020, no mês de junho, foi realizado outro evento virtual intitulado “Seminario de Políticas Públicas orientadas a Personas Afrodescendientes. Avances y Desafíos”³⁰. Contou com a participação de Benito Medina – Conselheiro Afro no Conselho Nacional de Cultura –, Maria Luz Saldívar – Diretora de Formação e Divulgação de Diversidade Cultural da Secretaria Nacional de Cultura do Paraguai – e Mariela Muñoz Barresi – Diretora de Interculturalidade e Assuntos Indígenas da Secretaria Nacional de Cultura do Paraguai.

Mariela apresentou o primeiro tópico sobre a história dos afrodescendentes, comentando sobre as três grandes comunidades no Paraguai: Kamba Kua, Kamba Kue e Emboscada. Cita que, desde o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, o Paraguai começou a visibilizar a população afrodescendente por um olhar institucional e também coloca alguns dados do Censo de 2007:

“(...) 7.637 personas se reconocen como afrodescendientes. La ciudad de Emboscada, departamento de Cordillera, concentra el 89,5% de la población total del grupo; el distrito de Kamba Kua, en Fernando de la Mora, 5,6% y el distrito de Kamba Kokué, en el departamento de Paraguairí, 4,9%. El censo reflejó que se trataba de una población predominantemente joven, el 63% tendría menos de 30 años en ese momento. La mayoría hablaba guaraní y español, los dos idiomas oficiales de Paraguay. La tasa de analfabetismo fue del 7,4% y, de ese porcentaje, el 58% correspondió a mujeres”.(BARRESI, 2020, s.p).

³⁰ Evento organizado pela Secretaria de Cultura do Paraguai.

Cita o Censo Nacional do ano de 2012 que incorporou o capítulo “população afrodescendente” com uma pergunta sobre afrodescendência: “De acuerdo a sus rasgos físicos, cultura y tradiciones, ¿alguna persona de este hogar se considera afrodescendiente o *kamba*?” Esse censo não contou com uma campanha específica de sensibilização étnico-racial dirigida à população afroparaguaia. Dessa forma, apenas 3.867 dos entrevistados responderam que se consideravam afro:

No censo realizado em 2012, o governo divulgou um vídeo em formato de desenho animado, um diálogo entre dois personagens: “¿Sabías que en el pasado más de la mitad de la población en Asunción era afrodescendiente? - ¿Y cómo podemos saber cuántos son hoy? - Los censistas están recogiendo cada hogar para ayudarnos a conocer nuestra realidad. - Si sos afrodescendiente, auto identifícate como tal en el censo 2012. Paraguay sí suma”. (RODRIGUES, 2017, p.53).

Mariela Barresi comentou que estão trabalhando na adequação metodológica para o próximo censo nacional, a ser realizado em 2022, mas sem especificar detalhes. Citou a Lei n 5621/16 de proteção do patrimônio cultural, colocando que a lei contempla a proteção do valor simbólico para os coletivos sociais, protege as categorias dos bens culturais, tangíveis e intangíveis, e contempla a difusão e promoção da diversidade cultural do Paraguai:

Artículo 1°. Esta Ley tiene como objeto la protección, la salvaguardia, la preservación, el rescate, la restauración y el registro de los bienes culturales de todo el país; así como la promoción, difusión, estudio, investigación y acrecentamiento de tales bienes.(REPÚBLICA DEL PARAGUAY, 2016, p. 1).

No tópico “avanços na instalação de políticas públicas e ações para o seu fortalecimento”, além dos pontos já destacados pelo Ministro de Cultura no outro evento virtual, insere o fortalecimento institucional e comunitário para o setor de afrodescendentes, a organização e realização de conversas trimestrais sobre a história dos afrodescendentes no Paraguai e os processos comunitários e culturais.

Com os relatos dos dois eventos virtuais percebe-se que o Estado, por meio da SNC, está se dedicando, apresentando os afrodescendentes e buscando formas de fortalecer o movimento afroparaguaio, mas para as comunidades esse movimento ainda não está sendo efetivo e necessitam de mais ações e articulações

para que realmente ocorra.

Para terminar, apesar dos inúmeros direitos pendentes, um exemplo indica como a atuação de lideranças, entidades e comunidades afroparaguaias têm tido um papel importante na revisão da história nacional. Em 26 de setembro de 2021, o jornal *Hoy* publicou uma reportagem com o seguinte título: “La indeleble huella de los afroparaguayos en la Guerra Guasú” [A indelével marca dos afroparaguaios na Guerra Guasú]. A Guerra Guasú é como os paraguaios costumam se referir à Guerra da Tríplice Aliança (1864/1865-1870) ou simplesmente à Guerra do Paraguai, como muitos brasileiros a chamam. Não é o espaço para aprofundarmos as causas e consequências da guerra, mas cabe lembrar de seu papel fundamental na formação da identidade nacional do Paraguai que, sozinho, enfrentou a Argentina, o Brasil e o Uruguai, unidos na Tríplice Aliança. Há uma forte versão nacionalista no Paraguai, conhecida como revisionismo histórico, que exalta a coragem dos soldados paraguaios no confronto e a luta do governante paraguaio Solano López contra o “imperialismo” representado pela Tríplice Aliança. A reportagem do *Hoy*, evidentemente, não é a primeira a abordar a contribuição dos afroparaguaios na guerra. Porém, é interessante como o jornal relaciona a escolha da reportagem à comemoração do Dia da Cultura Afroparaguaia:

El pasado 22 de septiembre se recordaron los 155 años de la victoria paraguaya en la sangrienta batalla de Curupayty, en el marco de la Guerra contra la infame Triple Alianza. Un día después (23) tuvo lugar el Día de la Cultura Afroparaguaya y - a razón del importante, y casi desconocido aporte de estos compatriotas - hablaremos en las siguientes líneas sobre los episodios que atestiguan el paso de los feroces guerreros y guerreras de raza morena; antes, durante y después de la Epopeya Nacional. (CÁCERES, 26 set. 2021, s./p.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo intitulado “Construção do ‘Dia da Cultura Afroparaguaia’: memória(s) e identidade(s) no Paraguai” foi estruturado em dois capítulos. No primeiro foi apresentada a contextualização afro no Paraguai, passando pela historiografia do e sobre o país, assim como de outros processos latino-americanos. Foram abordadas a constituição das comunidades, a identidade afrodescendente, as simbologias, os mitos e as tradições relacionadas, em especial, à comunidade de Kamba Cua e ao Grupo de dança San Baltasar, de onde partiu a iniciativa da criação do “Dia da Cultura Afroparaguaia”. No segundo capítulo foram trabalhados os documentos e narrativas no processo de criação da efeméride, ressaltado o papel e atuação das mulheres nesse processo e os instrumentos de políticas públicas em busca de reconhecimento e visibilização dos afrodescendentes no Paraguai.

A criação da efeméride foi e é importante para fortalecer o movimento afroparaguaio que utiliza a arte, a dança, os símbolos e as tradições como forma de resistência. Instrumentos esses que são utilizados como estratégias de visibilização e reconhecimento no país. A memória presente na comunidade, em especial das senhoras mais velhas, fortalece as narrativas orais para entendermos como se deu todo o processo, pois em fontes oficiais nem sempre ou pouco encontramos sobre a chegada dos afrodescendentes no Paraguai e todo o processo de formação das comunidades.

Compreendemos a constituição da data como um processo complexo marcado por negociações envolvendo as comunidades afrodescendentes, o Estado nacional, tratados e leis nacionais e internacionais visando o reconhecimento e afirmação de minorias, como o Decênio Internacional Afrodescendente.

Pontos de tensões foram identificados entre as comunidades ou mesmo dentro de uma mesma comunidade e o Estado Nacional. Algumas divergências em relação à própria efeméride de 23 de setembro, data escolhida para ser o “Dia da Cultura Afroparaguaia”.

Todo o processo de construção da data envolveu narrativas, memórias e tradições na tentativa de inserir a população afrodescendente na história do país e na busca por reconhecimento.

Mesmo com as divergências identificadas, a efeméride representa um passo importante para a visibilização e início do reconhecimento da população afroparaguaia, podendo ser considerada um precedente que propiciou e impulsionou o projeto de lei de reconhecimento que tramitou no congresso e retornou para estudo e alteração de alguns artigos.

O tema do trabalho, em especial no Grupo San Baltasar, envolvendo a efeméride, é muito recente, pois foi aprovada há apenas seis anos, mas foi possível mostrar a força das comunidades, em especial de algumas mulheres na luta e protagonismo para adquirirem seus direitos e terem seus grupos reconhecidos. É um trabalho longo e que aos poucos vão aparecendo os resultados de toda a resistência.

REFERÊNCIAS

- ABC COLOR. **Día de la Cultura Afroparaguaya**, 2019. Disponível em: <<https://www.abc.com.py/espectaculos/cultura/dia-de-la-cultura-afroparaguaya-1743121.html>>. Acesso em: 29 abr. 2020.
- ABC COLOR. **Fiesta de los Afrodescendientes**, 2017. Disponível em: <<https://www.abc.com.py/edicion-impresa/artes-espectaculos/fiesta-de-los-afrodescendientes-1553154.html>>. Acesso em: 12 jul. 2020.
- ALBERTI, V; ARAÚJO PEREIRA, A. **História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6831/1412.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 set. 2021.
- ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento**. In: Fronteiras em Movimento e Identidades Nacionais: a imigração brasileira no Paraguai, p. 34-70, 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1528/1/2005_tese_JLCA.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2020.
- ALCALÁ, G. R. Prólogo. In: PLÁ, J. **La Esclavitud en el Paraguay**. Asunción: Intercontinental, 2010.
- ANDREWS, G. R. **América Afro-Latina (1800-2000)**. São Carlos: EDUFSCAR, 2007.
- _____. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Tradução de Magda Lopes. Bauru: EDUSC, 1998 [original de 1991].
- _____. **The Afro-Argentines of Buenos Aires (1800-1900)**. Madison: University of Wisconsin Press, 1980.
- AZARA, F. **Viajes por la América del Sur**. Disponível em: <<https://archive.org/details/viajesporlaamer00rivagoog/page/n4/mode/2up>>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- BARRESI, M. M. **Seminário de Políticas públicas orientadas a personas afrodescendientes**. Avances y Desafíos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/culturapy/videos/2623355921245476>>. Acesso em: 4 jun. de 2020.
- BENETA, C. D. Jornal turco analisa porque o Paraguai tem o povo mais feliz do mundo. **H2Foz**, Foz do Iguaçu, 19 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.h2foz.com.br/paraguai/jornal-turco-analisa-por-que-paraguai-tem-o-pov>>

o-mais-feliz-do-mundo/>. Acesso em: 14 set. 2021.

BOCCIA ROMANÁCH, A. **Esclavitud en el Paraguay**: vida cotidiana del esclavo en las Indias Meridionales. Asunción: Servilibro, 2004.

BOLETA CENSAL. **Pregunta sobre afrodescendientes**, 2012. Disponível em: <https://observatoriocensal.files.wordpress.com/2015/12/py_2012.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2020.

BREZZO, L. M. La historia y los historiadores. In: TELESCA, I. **Historia del Paraguay**. Asunción: Taurus, 2010.

BURKE, P. A história como memória social. In: **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____ **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

CÁCERES, Gonzalo. La indeleble huella de los afroparaguayos en la Guerra Guasú. **Hoy**, 26 set. 2021. Disponível em: <<https://www.hoy.com.py/investigaciones/la-indeleble-huella-de-los-afroparaguayos-en-la-guerra-guasú>>. Acesso em: 1 dez. 2021.

CAMPBELL, E. **Dia Internacional das Pessoas Afrodescendentes**. Disponível em: <<https://www.presidencia.go.cr/comunicados/2020/12/onu-adopta-historica-resolucion-propuesta-por-costa-rica-para-declarar-el-31-de-agosto-como-el-dia-internacional-de-los-afrodescendientes/>>. Acesso em: 13 set. 2021.

CAPDEVILA, R. **Balance de los cinco años de implementación del Decenio Internacional para los Afrodescendientes y su impacto en la cultura**. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?v=258707365475713&ref=watch_permalink>. Acesso em: 22 mai. 2020.

CARVALHO, A; BONZATTO, E. Kamba Cua. **Pragmatismo Político**, 1 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2020/06/kamba-cua-afroparaguaios-negros-paraguai.html>>. Acesso em: 20 set. 2021.

CEIP. **Escuela Artigas del Solar de Artigas**: un espacio de amistad y educación sin fronteras, 2016. Disponível em: <<http://www.ceip.edu.uy/prensa/1463-escuela-artigas-del-solar-de-artigas-un-espacio-de-amistad-y-educacion-sin-fronteras>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

CENTRO CULTURAL DE ESPAÑA JUAN DE SALAZAR. **Kamba Descendientes - conversatorios de mujeres negras y afroparaguayas**. Asunción: 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7euo6js-xow&t=343s>>. Acesso em: 10 set. 2021.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CONGRESO NACIONAL; H. CÁMARA DE DIPUTADOS. **Proyecto de Ley:** “Que declara el 23 de setiembre de cada año como Día de la Cultura Afroparaguaya”. Disponível em: <<http://www.diputados.gov.py/plenaria/150715SO/pdf150715so/03.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

CONGRESO NACIONAL; H. CÁMARA DE SENADORES. **Proyecto de Ley:** “Que reconoce a la población afrodescendiente del Paraguay como una minoría étnica”. Disponível em: <<http://silpy.congreso.gov.py/sesion/106881>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

CUSICANQUI, S. R. et al. Debate sobre el colonialismo intelectual y los dilemas de la teoría social latinoamericana. **Cuestiones de Sociología**, 14, 2016. Disponível em: <<https://www.cuestionessociologia.fahce.unlp.edu.ar/article/view/CSn14a09>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2012.

DECOUD, H. F. **El Campamento de Laurely**. Montevideo: Impr. “El siglo ilustrado, 1930.

DIAZ, L. **Entrevista**. Concedida no dia 15 jul. 2020.

_____ **Entrevista**. Concedida no dia 23 nov. 2021.

_____ **Kamba Kua: Mas Allá de las Polleras y los Tambores**. Programa Gramo Py, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xSLbxy9GWFQ>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

_____ **Balance de los cinco años de implementación del Decenio Internacional para los Afrodescendientes y su impacto en la cultura**. Comentário. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?v=258707365475713&ref=watch_permalink>. Acesso em: 22 mai. 2020.

DGEEC. **Atlas Demográfico del Paraguay**, 2012. Disponível em: <<https://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/atlas-demografico/Atlas%20Demografico%20del%20Paraguay,%202012.pdf>>. Acesso em 21 ago. 2020.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. 24^a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ESCOBAR, T. **Interpretación de las Artes Visuales en el Paraguay**. Asunción: Servilibro, 2007.

GALEANO, E. **Memorias del Fuego II - Las Caras y las Máscaras**, 1990. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2019/02/12/eduardo-galeano-obras-completas-en-pdf/>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

GALINDO, M. **No se puede despatriarcalizar sin descolonizar**: Teoría y propuesta de la despatriarcalización. 2013.

GATES JR, H. L. **Os Negros na América Latina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GILROY, P. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34: 2001., p. 33-100.

GLISSANT, E. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GUIDO, R. A. Prólogo. In: PLÁ, J. **La Esclavitud en el Paraguay**. Asunción: Intercontinental, v. Colección Independencia Nacional, 2010.

GUGGIARI, K.; MEDINA, J. **Continua la espera del reconocimiento**. Codehupy (2012) Yvypóra Derecho Paraguaipe – Derechos Humanos en Paraguay 2012. Asunción: Codehupy, p. 79-83.

HALL, S. **Pensando a Diáspora** (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HILL COLLINS, P. **La política del pensamiento feminista negro**. In M. y. Navarro, Un nuevo saber. Los estudios de mujeres ¿Qué son los estudios de mujeres? Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 1998.

HORST, R. H. **El Régimen de Stroessner y la Resistencia Indígena**. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica (CEADUC): Biblioteca de Estudios Paraguayos, v. 89, 2011.

JOPARÉ PARAGUAY. **Paraguayos activan por sus derechos**, Asunción, n. 43, 2011. Disponível em: <<http://www.unfpa.org.py/download/jopare43.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

LAURELTY. **Página do Facebook da Comunidade Laurelty**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ComunidadLaurelty>>. Acesso em: 02 de ago. 2020.

LIPSKI, J. M. **El habla de los afroparaguayos**: un nuevo renglón de la identidad étnica. *Lexis*, 33(1), 91-124, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/lexis/article/view/1755>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

LOPES, M. A. D. O. **História e Memória do Negro em São Paulo**: efemérides, símbolos e identidade (1945-1978), 2007. Tese (Doutorado em História) –

Universidade Estadual Paulista (UNESP). Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103172/lopes_mao_dr_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 abr. 2020.

_____. Revisão das efemérides negras nas memórias e história do Brasil. **O Menelick 2o. Ato**, jan. 2015. Disponível em:
<<http://www.omenelick2ato.com/historia-e-memoria/revisoes-das-efemerides-negras-nas-memorias-e-historia-do-brasil>>. Acesso em: 19 set. 2021.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MEDINA, B. **Entrevista**. Concedida no dia 15 jul. 2020.

MELIÁ, B. **Uma nación dos Culturas**. Asunción, RP Ediciones, CEPAG, 1997.

MOREIRA, M. M. D. L. **Historia General del Paraguay**. Asunción: Fausto Ediciones, 2013.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Identidade Nacional versus Identidade Negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

NOITES Paraguayas. Direção: Aloysio Raulino. Brasil: 1982. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=8EizJz8a54>>. Acesso em: 3 nov. 2021.

NORA, P. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

ONU. **Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024)**: reconhecimento, justiça e desenvolvimento. Disponível em:
<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2016/05/WEB_BookletDecadaAfro_portugues.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

_____. **Resolução 75/170 da Assembleia Geral das Nações Unidas**. Disponível em: <<https://undocs.org/es/A/75/476>>. Acesso em: 13 set. 2021.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES; MERCOSUR. **Diagnóstico regional sobre migración haitiana**. 2017. Disponível em:
<https://publications.iom.int/system/files/pdf/diagnostico_regional_sobre_migracion_haitiana.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2021.

PEREZ FREITAS, Bruno. **Política e espaço público: um diálogo inicial com Hannah Arendt**. Disponível em:
<<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13788/13788.PDF>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

PLÁ, J. **La Esclavitud en el Paraguay**. Asunción/Paraguai: Ed. Intercontinental, 2010.

PORTELLI, A. **A Filosofia e os Fatos**. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, vol. 1, n° 2, 1996.

RED PARAGUAYA DE AFRODESCENDIENTES. **Video de la sesión ordinaria de la cámara de diputados de Paraguay, punto 5, del Miércoles 13 de octubre de 2021**. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/RedParaguayadeAfrodescendientes/videos/598106357872305>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

REPÚBLICA DEL PARAGUAY. **Ley nº 5464 que declara el 23 de septiembre de cada año como Día de la Cultura Afroparaguaya**, Biblioteca y Archivo Central del Congreso de la Nación. Disponível em:

<<http://bacn.gov.py/archivos/4451/20151217081956.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

REPÚBLICA DEL PARAGUAY. **Ley Nacional de Cultura nº 3051/06**. Disponível em:

<<http://www.cultura.gov.py/marcolegal/ley-nacional-de-cultura-n%C2%B0-305106-2/>>. Acesso em: 07 ago. 2020.

REPÚBLICA DEL PARAGUAY. **Ley nº 5621/16 de Protección del Patrimonio Cultural**. Disponível em: <

<http://www.cultura.gov.py/wp-content/uploads/2017/01/Ley-5621-de-Protecci%C3%B3n-de-Patrimonio-Cultural-copia.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2020.

RIBEIRO, D. **O que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

RIVAROLA, M. El Paraguay liberal. In: RIVAROLA, Milda; BOCCIA PAZ, Alfredo. *Historia General del Paraguay*. Asunción: Fausto Ediciones, 2013. tomo III.

RODRIGUES, E. **O Movimento Afrodescendente e as Campanhas de Identidade Étnica Racial na América Latina e Caribe**, 2017. Disponível em:

<<https://revistas.ucm.es/index.php/MESO/article/view/58108>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

RODRÍGUEZ, R. J. **Entramos Negros; salimos Afrodescendientes**, Revista. Futuros, Vol. 2, Núm. 5, México / Canadá, Rostros y Voces - Citizen Digital.

Disponível em: <<http://www.nacionmulticultural.unam.mx>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SANTOS, J. L. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 110).

SÁNCHEZ QUELL, H. **Estructura y Función del Paraguay Colonial**. Asunción: Casa América, 1972. Disponível em:

<<http://librosdehistoriaparaguay.blogspot.com/2010/07/hipolito-sanchez-quell-la-revolucion-de.html>>. Acesso em: 14 ago. 2020.

SAFFIOTI, H. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SECRETARIA NACIONAL DE CULTURA. **Cultura comemora la Semana Afroparaguaya**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.py/2019/09/cultura-conmemora-la-semana-afroparaguaya/>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SILVA, C. K. **O “Grupo Tradicional Kamba Cuá” no movimento afroparaguaio: artes performáticas, política identitária e territorialidade**. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/76230/000892895.pdf;jsessionid=956268BF67EF0B78624FD163E1525B2B?sequence=1>>. Acesso em: 14 set. 2021.

SILVA, P. R. D. Populações afrodescendentes da América Hispânica: História, memória e conquista de direitos. In: LOPES, M. A. D. O. **História do Negro no Brasil: escravidão, gênero, movimentos sociais e identidades**. São José: Premier, 2011.

SILVA, P. R. D. **Ditadura, memória e literatura no Paraguai: Asunción Bajo Toque de Siesta (2007) e a crítica do testemunho**, Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 44, n. 2, maio-ago. 2018. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/28061/17117>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

SILVA, T. **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

SILVA FERREIRA, C; KAKOZI KASHINDI, J. B. As populações afromexicanas e o reconhecimento constitucional e censitário: fim da invisibilidade e da discriminação racial? In: SILVA, Rosângela de Jesus; GERALDO, Endrica (Org.). **Histórias Transnacionais: o Sul global em perspectiva**. Naviraí, MS: Aranduká, 2021.

SILVEIRA, M. C. **A Batalha de Papel: a charge como arma na guerra contra o Paraguai**. Florianópolis: UFSC, 2009.

SOUZA et al. Yabá na luta: mulheres negras entre fronteiras. In: TONATTO, R; OLIVEIRA, R.P. (Org.). **Por Elas e por Nossas Lutas: igualdade e justiça nos debates de gênero e diversidade nas sociedades contemporâneas**. Foz do Iguaçu: UNILA; CLAEC, 2020. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5970/Colet%C3%A2nea-C EEGED-2020-Vers%C3%A3o-Final-2.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 set. 2021.

TADEI, E. M. A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 22 (4), 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/fm67k3WrsDP9zWDHFYFgXbK/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 set. 2021.

TELESCA, I. Prólogo. In: _____(COORD). **Historia del Paraguay**. Asunción:

Taurus, p. 2010.

_____. **La Historiografía Paraguaya y Los Afrodescendientes**. In: Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina: herencia, presencia y visiones del otro. Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponible em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/coediciones/20100823032637/10tele.pdf>>. Acceso em: 23 set. 2021.

TIERRA VIVA. **Población originaria e indígena del Paraguay**. Disponible em: <http://www.tierraviva.org.py/pueblos_indigenas/poblacion-originaria-e-indigena-del-paraguay/>. Acceso em: 29 abr. 2020.

TORAL, A. **Imagens em Desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)**. São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP, 2001.

ULTIMA HORA. **Afrodescendientes buscan ser reconocidos como minoria étnica en Paraguay**, 2018. Disponible em: <<https://www.ultimahora.com/afrodescendientes-buscan-ser-reconocidos-como-minoria-etnica-paraguay-n2779756.html>>. Acceso em: 04 ago. 2020.

_____. **La Red Paraguaya de Afrodescendientes repudió el rechazo del proyecto de ley sobre discriminación hacia el sector en la Cámara de Diputados y manifestó su profunda preocupación sobre expresiones esgrimidas al respecto**, 2021. Disponible em: <https://www.ultimahora.com/afrodescendientes-repudian-rechazo-ley-y-expresiones-diputados-n2966516.html?fbclid=IwAR2LVMu61ju_mG5X-_rh5kzYXGJQULDcd-gJLF1k-JBL7ZiMjTGUJgP8lY>. Acceso em: 29 nov. 2021.

VERÍSSIMO, A.; PLÁ, J. **Enciclopédia Latino-Americana**. Disponible em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/p/pla-josefina>>. Acceso em: 28 abr. 2020.

ZARACHO, F. **Día Internacional dos Afrodescendentes**. Disponible em: <<https://paraguay.unfpa.org/es/news/paraguay-en-deuda-con-la-poblaci%C3%B3n-afrodescendiente?fbclid=IwAR2Xkk3COI6HnBo7TJIUq9QSHteDnAMvmgpazQCOoqE-chPzATvuWGrKPE>>. Acceso em: 13 set. 2021.

ZOOM, Observatório. **¿Al MEC le interesa la diversidad? – Afroparaguayos**. Disponible em: <<https://www.saraki.org/post/al-mec-le-interesa-la-diversidad-afroparaguayos>>. Acceso em: 08 ago. 2020.